

LA SALLE NO CORAÇÃO DA SOCIEDADE MULTICULTURAL E MULTIRRELIGIOSA CONTEMPORÂNEA

*Irmão Herman Lombaerts, fsc - belga
Com dezenove colaboradores*

APRESENTAÇÃO

Atinar com o título ideal para um livro é uma tarefa sumamente difícil. O organizador do Caderno MEL 29, sentiu-se forçado a optar por um designativo que fosse o mais possível fiel ao conteúdo versado neste livro. Este é o motivo por que o título se apresenta um tanto longo. É um título descritivo, extenso, mas calculado, para responder à preocupação de incluir o máximo daquilo que possa ser importante. Quando o destinatário é um público numeroso, diversificado, multicultural e multirreligioso, é preciso evitar qualquer tipo de afetação, de simbolismos não comuns a todas as pessoas, de artifícios poéticos não apropriados para quaisquer eventuais leitores.

A referência é sobre **La Salle**, na qualidade de um Instituto, uma Congregação, uma instituição social. Mas, talvez haja quem, já de início, diga que mais se trata de lassalistas concretos, de indivíduos detentores de sonhos e predições, de heróis em carne e osso, que tendo conhecimento das origens, estejam piscando jovialmente o olho para nós, da outra margem. Os que não de falar para nós são Irmãos, e, em quase todos os casos, eles representam a coragem e a resistência de centenas de lassalistas que, dia após dia, forjam a sonhada realidade.

No coração, como núcleo essencial, motriz de vida e de convergência, espaço teológico, órgão indispensável em vista da missão, porque é verdade que se pode acampar em numerosos lugares, que é fácil entrincheirar-se, morar em terra livre de perigos e sossegada; mas, as presenças que aqui nos são reveladas, pelo contrário, se localizam no epicentro do sismo, no olho do tufão, no fragor da batalha, nas fronteiras do convencional.

Da sociedade contemporânea, porque não se trata de descrever a história de um passado distante, mas de vivenciar a história atual, personificar La Salle na complexa estrutura óssea do mundo de hoje. É no aqui e agora, frágil, ambivalente, alheio às certidões processuais e aos controles de qualidade, em constantes transformações e, mesmo assim, permanecendo muito fiéis às intuições da origem do mito de fundação do Instituto, com dificuldades, incertezas e instabilidades de comportamentos.

Uma sociedade multicultural e multirreligiosa, algumas vezes devido a fenômenos históricos do passado; em outros casos devido a carências, por opção política; e em outros casos ainda, como conseqüência da globalização; e também da injustiça na maioria das situações atuais. Estes fenômenos não são novos na história, mas nunca antes estiveram tão universalmente difundidos. Neste contexto serão situadas as experiências que iremos descrever.

Essas experiências, com frequência narradas em primeira pessoa, foram selecionadas pelo Irmão *Herman Lombaerts*, um hábil pesquisador nesta matéria. Além disso, é a ele que devemos o capítulo de Introdução e a Conclusão. Suas sábias opções pelos termos exatos e suas intuições dispõem o leitor a fazer uma leitura crítica, a entabular um diálogo a partir da realidade de cada um, a colocar-se, assim como o próprio Instituto, em situação de aprendizagem, a ir para além da anedota, a descobrir o significado e a elaborar premissas e conclusões novas em vista da vitalidade da missão.

Como o Irmão *Herman* muito bem pondera, essas situações refletem claramente a diversidade da missão lassalista. Será preciso evitar dois erros: Julgar que essas seriam as únicas ações reveladoras da citada diversidade e, mais particularmente, pensar que elas representam a única maneira válida, ortodoxa e fiel de propagar a missão lassalista. Em todos os casos, incluindo os descritos, teremos que questionar-nos se essa missão da Igreja e do Instituto é redentora e digna desse nome.

Finalmente, devido à profusão e à difusão de iniciativas e de opções que se percebem como “fora do comum”, temos que insistir que não tencionam desacreditar, desvalorizar, ou trivializar a atividade apostólica desenvolvida em outros ambientes, mais na linha da educação clássica formal, porque, afinal, todos sabemos muito bem o quê é que importa.

Irmão Alfonso Novillo

1 Introdução

Progressivamente, em grande parte como consequência da Revolução Francesa no final do século XVIII, e da Secularização, no início do século XX (1904-1905), que tanto uma como a outra atarantaram a França católica, o desenvolvimento das obras do Instituto se diversificou e ampliou com o envio, por vezes o exílio, de Irmãos a variadas regiões do mundo. Hoje, a Rede Lassalista está incorporada em realidades sócio-culturais, econômicas, e em realidades políticas francamente pluralistas, inclusive em alguns aspectos contraditórios do mundo contemporâneo. Com o passar do tempo, a experiência internacional se tornou excepcionalmente enriquecedora para entender diferentemente a missão educativa e a responsabilidade do Instituto. Mas, como podem ser mantidas simultaneamente obras que comprovam um compromisso “universal”, estando ao mesmo tempo envolvidas em sociedades dominantes e em sociedades dominadas, onde uns enriquecem à custa de outros povos, e onde outros ainda permanecem paralisados pela opressão e exploração intermináveis? Os problemas cruciais e aflitivos da pobreza e as injustiças sociais alertaram particularmente o 42º Capítulo Geral (1993), a ponto de incitarem os Irmãos a assumirem iniciativas de efetivo testemunho de um compromisso firme e visível ao serviço educativo dos pobres, das crianças e dos jovens sujeitados a condições de vida inumana. Esse mesmo Capítulo Geral criou um dispositivo para observar cientificamente a evolução da sociedade contemporânea, e incitar para a tomada de consciência dos problemas aos quais se supõe que um Instituto como o nosso seja especialmente sensitivo, e de estimular estratégias de ação e de iniciativas adequadas. ¹

Neste sentido, contatos com outras culturas e religiões não-cristãs oferecem possibilidades para melhor vislumbrar como um Instituto como o nosso pode contribuir. Historicamente, a situação ímpar na França, berço de um carisma muito original, foi preciso sair dessa situação ideal, para que a missão educativa se enriquecesse com dimensões novas e diferentemente proféticas. Em compensação, os compromissos pioneiros que revelaram brechas que estimularam o Instituto como um todo a discernir melhor, ou de outra forma, as necessidades das jovens gerações de hoje. Se por um lado se descortina nisto o enfoque de João Batista de La Salle em face das crianças vítimas de um contexto urbano desumano e degradante, em busca da inserção social e profissional, o compromisso, em ambientes não-cristãos e culturalmente diferentes, interpela os postulados dos inícios do Instituto, ao serviço de um cristianismo e do catolicismo monopolizante do mundo europeu.

Recentemente, a disponibilização liberal da tecnologia eletrônica alterou inclusive a própria estrutura da socialização entre as gerações. Tanto a família como a escola, na sua qualidade de instituições privilegiadas para a transmissão da cultura e da religião, se viram desarmadas em face do impacto de uma sociedade, pluralista, em todos os sentidos, radicalmente aberta e acessível para todos, um lugar de aprendizagens ligadas a todos os aspectos da vida. Especialmente na Europa, as tradições religiosas parecem ter perdido sua indiscutível autoridade, os fiéis praticantes encontrando-se numa posição de minoria. Num mundo pluralista, o homem contemporâneo, ufano de sua individualidade, anseia pela autonomia. Ainda que os grandes momentos sagrados da existência sempre se celebrem conforme os ritos religiosos tradicionais, a vida cotidiana já não se organiza no costumeiro ritmo cristão. Muitos jovens se encontram muito distantes, muito estranhos com relação ao universo religioso e cultural de seus avós. Se, numa primeira maneira de ver, no concernente à sociedade européia, esta situação incita para uma reação de pânico e para um diagnóstico pessimista, as pesquisas sociológicas ressaltam que, mesmo que se

¹ O Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs e a Educação Hoje. Cinco Colóquios para entender melhor. *Boletim dos Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs*, Nº 245. 1999.

instalem transformações incontestáveis, não há dúvida de que uma relativa estabilidade de valores e de sensibilidade pelo sentido da vida se mantém.² As coordenadas da missão educativa, hoje, exigem uma outra lógica e uma maneira de inserção distinta daquilo que se praticava com tanta evidência no passado.

Ansioso por atender diligentemente ao envolvimento de certos Irmãos em ambientes altamente significativos, o Irmão *Nicolas Capelle* se esmerou em tirar fruto tanto de suas experiências como de suas reflexões, e torná-las acessíveis a todo o Instituto. Ele quis evidenciar até que ponto o contexto multicultural e multirreligioso cria condições específicas que incitem os Irmãos e seus colaboradores a reinterpretar o carisma histórico do Instituto. Foi com este objetivo que lhes solicitou que resumissem sua “sabedoria lassalista”, respondendo a quatro perguntas:

- Quais são as realidades multiculturais e/ou multirreligiosas que vocês tiveram que enfrentar?
- Em que sua ação educativa e sua atividade evangelizadora se foram enriquecendo, ou sofreram detrimento, em termos de atitudes, métodos, valores?
- Em face disto, e para preservar sua especificidade, a educação lassalista terá que se abrir, mas sob quais condições, e o que deverá evitar?
- A partir das experiências de vocês, quais poderiam ser as contribuições particulares da educação lassalista em sociedades multiculturais e multirreligiosas?

O leitor atento perceberá que três perguntas são personalizadas: “*vocês* tiveram que enfrentar”, “*sua* ação educativa e *sua* atividade evangelizadora”, “as experiências de *vocês*”. Uma pergunta concerne à “*educação lassalista*” em sua especificidade própria. Foi, pois, deixado aos inquiridos, esclarecer o sentido exato que eles atribuem às suas respostas.

Ao ler as respostas causa surpresa que, efetivamente, os autores muitas vezes falam em seu próprio nome, preferentemente a desenvolver um enfoque teórico e normativo. A experiência pessoal os levou a comprometer-se numa situação muito precisa. Sua história pessoal, uma conscientização incisiva, encontros decisivos, os levaram a tratar com os responsáveis pelo Instituto, com amigos ou colegas, com pessoas que sofrem ou marcadas pela sociedade contemporânea, a estabelecer novas solidariedades, a pôr em marcha atuações especialmente bem encaminhadas. Tendo vivenciado experiências assim, esses Irmãos enfatizam que o fato e o compromisso restrito lhes ajudaram a descobrir um elemento novo e autêntico de sua vocação lassalista. Aquilo que se prenunciava como uma aventura fora do comum, às vezes “dissidente”, com o passar do tempo se revelou como um acontecimento providencial, a expressão de uma fidelidade profética.

Isto nos dá a conhecer, por parte da Instituição Lassalista, o outro lado da mudança cultural e religiosa que se operou na sociedade desde há cerca de cinquenta anos. Já não é a instituição a-pessoal gerenciando a vida das pessoas e seus compromimentos, como se fossem funcionários substituíveis. A rápida evolução das situações exige uma perspicácia de percepção, uma grande flexibilidade, uma competência aprofundada, para não dizer habilidade especializada para saber discernir sem demora e pessoalmente os busílis das necessidades e das contingências, e optar com conhecimento dos fatos pelos passos cabíveis a dar para uma interpretação inteligente da dita “missão”. Os Irmãos mostram até que ponto cada um deles vivencia uma história pes-

² Cf. *Atlas dos valores europeus*, Den Haag, 2005.

soal, vinculada de maneira exclusiva a um compromisso muito particular, pleno de sentido, expressando um enriquecimento surpreendente e inesperado para o conjunto da comunidade.

O Instituto é convidado a tirar lições dessas experiências, prestando atenção às histórias de compromissos assumidos por esses Irmãos. Elas afetam o próprio cerne de sua aposta histórica e simbólica na sociedade e na Igreja. Desde a primeiríssima geração, é incontestável, eles têm impressionado os alunos e seus pais, seus colaboradores, os ambientes sociais, mediante sua dedicação pessoal e gratuita, mas dentro de um bem experimentado padrão e de uma prática peculiar já ritualizada, própria da clássica escola lassalista. Ao longo do século XX, as condições de integração numa realidade social, cultural e religiosa mudaram grandemente. Uma série de documentos importantes manifestam, até que ponto, a qualidade e a competência dos Irmãos e de seus colaboradores estatuem sobre o conteúdo específico, bem como sobre a forma que a missão educativa pode assumir hoje. Incumbe-lhes interpretar as situações concretas, e definir suas ações. Em todos esses níveis, os educadores lassalistas têm que expor-se à boa ou má fortuna.

O texto de um Irmão de Nova Iorque ilustra muito bem o que está em causa. A inserção num meio multicultural e multirreligioso tem conseqüências merecedoras de consideração. Não se trata da adaptação de um projeto educativo universal a circunstâncias particulares. Os compromissos e uma nova hierarquia de prioridades fazem emergir conceituações antropológicas, pedagógicas e teológicas como respostas a interpelações inesperadas.

Nestes últimos quarenta anos de minha vida, morei e trabalhei nas áreas urbanas multiculturais da cidade de Nova Iorque. Meus vizinhos eram procedentes de países latino-americanos, tais como Porto Rico, a República Dominicana e Haiti, e de países africanos, como a Etiópia, a Líbia e a República do Quênia, praticantes de diferentes religiões do mundo, mais especialmente a muçulmana, a hinduísta, a anglicana, a batista, a presbiteriana e a católica. Eu sempre fiz parte da minoria, se vocês considerarem a porcentagem das variadas culturas e das diversas religiões do setor Sul de Bronx, da cidade de Nova Iorque. As atitudes, comportamentos, métodos e valores das populações com que trabalhei nunca entravaram minha ação educativa e meus compromissos. Tudo isto faz parte da realidade ambiental em que trabalhei. Meu trabalho não é divulgar a minha cultura ou tentar despertar conversões para a religião católica, mas bem antes, dar uma resposta às necessidades humanas de educação, de empregos e de desenvolvimento humano. Dar resposta às necessidades humanas é evangélico para mim. Proporcionar aos adultos uma oportunidade de se alfabetizarem e assim conseguir um emprego, lhes ajuda para serem mais auto-suficientes e zelarem por suas famílias, e se tornarem o tipo de pessoas que Deus quer que sejam. Esta é a verdadeira emancipação humana.

Para ser efetivo, este processo deve tomar em consideração e construir sobre as atitudes, os comportamentos, métodos e valores da população a que se quer dar uma ajuda. A Missão Educativa Lassalista deve aprender da Festa da Epifania, o que Jesus é para todos os homens e todas as mulheres. Todos são chamados à salvação. A missão deve abarcar todas as religiões e todas as culturas. Visto que culturas diferentes se encontram mais e mais em áreas conflitantes, há uma maior necessidade de empreendimentos lassalistas, lá onde a religião pode colaborar mais do que entrar em conflitos. A Missão Educativa Lassalista poderia ensinar ao mundo que satisfazer as necessidades humanas é

evangélico. Poderia ensinar que diferenças culturais e religiosas só existem na superfície da realidade, e que na profundidade, todos somos irmãos e irmãs, e juntos somos UM SÓ diante de Deus.

A imagem verticalista e repetitiva da escola lassalista do século XVIII vê-se profundamente modificada em virtude da opção pelo lugar de inserção, com suas condições de vida e de trabalho, as novas necessidades e exigências do público, as interpelações pessoais. Os Irmãos justificam sua presença, obviamente, com referência às suas raízes cristãs e lassalianas. Mas, ao mesmo tempo, eles se esforçam para definir aspectos divergentes, de sobrepujar certos preconceitos dogmáticos, e se abrirem às sensibilidades e convicções de outros. Progressivamente, confiando no meio multicultural e multirreligioso, influenciados por sua experiência, jornadeando com pessoas pertencentes a outros mundos culturais e religiosos, os Irmãos estão evoluindo rumo a uma nova interpretação da “Missão Educativa Lassalista”. Haveria algo de surpreendente nisso? É a própria vida que os está conduzindo a novos roteiros.

As contribuições coletadas neste caderno MEL não asseguram uma representatividade exaustiva daquilo que se está vivenciando no Instituto. Existe um tão grande número de iniciativas similares nos cinco continentes, de Norte a Sul, de Leste a Oeste. Mas elas têm um valor como exemplificações, e excedem o nível anedótico. A par de sua diversidade, elas testemunham uma realidade altamente significativa para o futuro do Instituto. Vivemos num mundo complexo. A realidade da missão lassalista está sendo modificada por esse mundo. Historicamente, nossa missão emergiu do coração de uma sociedade europeia socialmente hierarquizada em classes. São João Batista de La Salle priorizou a alfabetização, a formação cristã e profissional dos meios populares. Esta opção, tradicionalmente, tem sido o critério distintivo dos Irmãos, mas eles, com frequência, consultam outros critérios de discernimento mais pertinentes para uma resposta a novas situações de hoje.

Françoise Cros e Francine Vaniscotte identificaram isto com tal precisão, que se interrogaram se não se está introduzindo formalmente uma nova identidade lassalista. Deverá ela, como sugerem, ser limitada a uma identidade tradicional ligada a um público bem determinado e facilmente identificável³, ou será preciso, como o relatório parece indicar, estar mais atenta ao fenômeno da globalização econômica e social da sociedade contemporânea, que está dando início a uma nova ordem mundial? As necessidades estão localizadas em outros locais, manifestam-se de outras maneiras e exigem uma mobilização diferente daquela do passado, menos condicionada pelos padrões educacionais dos séculos precedentes. E é aqui que encontramos as condições ineludíveis de uma sociedade internacionalizada, que se está desviando definitivamente dos limites geopolíticos do passado, integrando as conotações multiculturais e multirreligiosas.

Todavia... não podemos silenciar sobre um vazio surpreendente e interpelador: a falta de qualquer contribuição da África, com exceção do Egito. Nada obstante, a África é um continente com uma enorme diversidade cultural e religiosa. Não será, acaso, devido a uma coincidência fortuita, ou a um desinteresse ou a um lapso institucional? O Boletim N° 243 do Instituto (1997)⁴ está concentrado sobre relacionamentos muçulmano-cristãos, ainda que religiões tradicionais, seitas e relacionamentos entre a Igreja e outras religiões cristãs sejam mencionados. No caso da

³ Iniciativas Lassalistas: rumo a uma nova identidade? Relatório final de uma pesquisa realizada entre 2002 e 2004, texto não publicado, página 26f.

⁴ A Escola Cristã Lassalista e sua presença entre outras religiões, pág. 44-62.

África do Sul, uma tabela demográfica informa sobre cerca de dezenove religiões ou denominações checadas.⁵

Num número anterior do Boletim, publicado em 1993,⁶ é raro encontrar algumas informações sobre a maneira como os Irmãos “missionários” dialogam com as religiões tradicionais. Está especificado que, na República de *Benin*, 68% dos beninenses praticam as religiões tradicionais; 65% dos costa-marfinenses (pág. 32); em *Ruanda*, 40% são animistas. Está mencionado que uma parte dos nigerianos são cristãos católicos e a outra parte são muçulmanos. A inculturação se impõe para os Irmãos provenientes de outras culturas (ocidentais), e, na maioria dos casos, se limita ao estudo de línguas africanas e à adaptação da liturgia... A escola é percebida como um espaço de encontro das culturas... Quanto ao mais, trata-se, evidentemente, de lançar as sementes da fé cristã/católica, da evangelização, da preparação para os sacramentos, a catequese e a ação pastoral.

A promoção vocacional e a formação dos jovens Irmãos é uma importante preocupação: encarnar em profundidade a vida religiosa dos Irmãos (o modelo monástico ocidental) nas culturas locais. Malgrado tudo isto, os missionários ocidentais encontraram na África – conforme sua terminologia – uma cultura que eles denominam de “pré-moderna” (mágica). O plano para seu zelo exemplar e heróico é introduzir mediante a educação nas escolas, toda a riqueza do saber moderno, organizado conforme os princípios da racionalidade e do espírito científico do mundo ocidental. Como explicar que essa justaposição (fortemente sentida e vivenciada pelos africanos) não apareça como problema e preocupação nas temáticas tratadas nos citados Boletins, quando o Irmão *Joseph Cornet* é reconhecido e estimado internacionalmente por suas pesquisas etnológicas e artísticas?⁷ Como acontece que, aparentemente, não existe “nenhum diálogo”, tão importante para os Irmãos que se acham frente a frente com religiões não-cristãs no Oriente Próximo e na Ásia? Não existe, acaso, um interlocutor legal ou motivado? Não será, acaso, que o ensino se está realizando unicamente num sentido linear: Católicos ocidentais (oferecendo, confiantes, donos da verdade) aos africanos (receptivos, flexíveis, agradecidos)? Teria este problema sido apresentado no contexto de recrutamento e de formação dos jovens Irmãos? Este silêncio merece ser traduzido por uma palavra dos lassalistas africanos, em primeiro lugar.

Numa segunda secção, as respostas às perguntas (algumas vezes resumidas para evitar repetições) são apresentadas por Regiões. Primeiramente, vocês poderão ler os testemunhos de Irmãos envolvidos em ambientes europeus muito peculiares: minorias, marginalizados em grandes cidades, o universo dos itinerantes, o mundo dos trabalhadores.⁸ Após, alguns Irmãos irão explicar como vivenciam seus compromissos entre os quéchuas, os aimarás na Bolívia, e os maias, na Guatemala.⁹ Provindas do Oriente Próximo, as respostas fazem referências ao Egito, Turquia, e à Universidade de Belém. A última seção agrupa testemunhos da Ásia: Índia, Paquistão, Tailândia, Malásia e Japão.

Finalmente, um remate final sugere cinco temáticas que emergem do dossiê apresentado aqui à guisa de Introdução, para uma reflexão mais focalizada.

⁵ Ibid. pág. 57.

⁶ *Bulletin de l'Institut* (1993), referente aos Irmãos das Escolas Cristãs na África.

⁷ Leia-se, por exemplo, *A arte da África negra* (fotografias Willy Kerr) Bruxelas, q972; e República do Zaire. *Povos, Arte e Cultura* (fotografias de Ângelo Turconi), Antuérpia, 1989.

⁸ Leia-se também: *A Escola Lassalista na Bélgica num ambiente de minoria cristã*. Boletim do Instituto N° 243 (1997), páginas 87-95.

⁹ Sob este aspecto, ler também os informes dos Irmãos australianos, no Boletim do Instituto N° 248 (2003), pág. 78-83.

2 AS RESPOSTAS À PESQUISA DE OPINIÃO: O MUNDO LASSALISTA, UMA REALIDADE DIVERSIFICADA

Ao relatarem suas experiências, muitas vezes, os Irmãos mencionam uma mudança em nível pessoal próprio, e também na conceitualização de sua identidade cristã (católica), uma consequência de seu envolvimento direto em outros ambientes culturais, e do seu convívio com fiéis crentes de outras religiões. É importante tomar em consideração a estrutura geopolítica da região particular em que se encontram, e da vinculação histórica dessa região com religião. Alguns Irmãos, na Europa, estão imiscuídos em setores multiculturais e multirreligiosos do mundo ocidental, de origem cristã ou católica, mas acentuadamente secularizados e ideologicamente mais e mais pluralistas. Eles foram afetados por interpelações muito específicas, ou se viram enleados em ambientes muito heterogêneos, com membros – a maioria imigrantes – de religiões não-cristãs. Outros Irmãos estão trabalhando num universo cultural não-ocidental. Sociologicamente, eles constituem parte de uma minoria cristã, e suas obrigações de cunho social se voltam a nativos muçulmanos, hindus, xintoístas, indígenas, e outras comunidades. São situações nitidamente diferentes, marcadas por relacionamentos muito específicos entre a Igreja e o Estado (Europa), entre estruturas políticas, cultura e religião (Ásia, Oriente Próximo), entre uma cultura indígena e as consequências irreversíveis da colonização. A tradição lassalista, pela qual sua presença característica é mediada, evoca uma variedade de referências simbólicas influenciadas tanto pelo caráter das pessoas como pelo contexto sócio-cultural e religioso.

2.1 Algumas iniciativas inovadoras na Europa

Lembramos aqui três iniciativas referentes à mudança de direção de um envolvimento. Elas já foram descritas em publicações surgidas anteriormente.¹⁰ Até mesmo alguns Irmãos e colaboradores lassalistas leigos, em outros países, a Espanha, por exemplo, assumiram iniciativas similares.¹¹ O que aqui nos interessa principalmente, é o impacto que uma nova estruturação de uma presença educacional, numa realidade cultural e religiosa particular, pôde ter causado sobre os Irmãos implicados, e o questionamento que isto representa para o Instituto.

No transcurso destas últimas décadas, incentivados pelas prioridades recomendadas pelos Capítulos Gerais, alguns Irmãos se sensibilizaram com os problemas sintomáticos, por vezes angustiantes, na sociedade ocidental: populações sofrendo exatamente as características essenciais das conjunturas que os países mais adiantados do mundo contribuíram para criar. A migração tomou um novo impulso em consequência da entrada polêmica notadamente da cultura e da religião muçulmana, entre outras, em países de longa história de cristianismo. O progresso econômico e social do mundo ocidental, e o bem-estar cultural, político e material a que a grande maioria da população chegou, também fez suas vítimas. Um incontestável persistente desemprego, a desproporção entre a população ativa e a dos aposentados, o malogro da erradicação da miséria e o risco de uma pobreza estrutural para uma porcentagem relativamente importante da população, demonstram a fragilidade da sociedade européia.

Ao longo de três séculos, os Irmãos estabeleceram instituições educativas de eminente qualidade e prestígio. Ao mesmo tempo, porém, correram o risco de se aninharem nelas em definitivo, e, de alguma maneira perderem de vista seu valor simbólico (pelo aburguesamento). Daí a necessidade de fazer um bom exame de consciência, tanto mais, porque a visão global de situação mundial, de maneira inequívoca, está revelando certas contradições no próprio interior de

¹⁰ A Escola Cristã Lassalista e sua presença entre outras Religiões . *Bulletin de l'Institut des Frères des Écoles Chrésiennes*, N° 243, 1997, pág. 79-95.

¹¹ Cf. Relatório das iniciativas dos Encontros da CLEE (Comissão Lassalista para a Educação Européia).

um Instituto, representando opções muito específicas. Ao recordarem sua missão, os Irmãos estão testemunhando esta tomada de consciência, e da mudança que se operou em suas vidas em consequência dessa “conversão”. Nela discerniram o carisma “lassalista” atualizado nas condições desumanizantes de vida para grupos de elevado risco.

2.1.1 O Mundo das Minorias e dos Excluídos

Os alunos da Escola Secundária Cintra, de Barcelona, fazem transparecer muito bem a composição social do bairro onde esta instituição está localizada. Esse setor da cidade parece estar atraindo muita gente excluída do primeiro mundo. É um exemplo típico de uma população que revela sua mescla inter-cultural e inter-religiosa. Encontram-se ali paquistaneses, marroquinos, argelinos, romenos, ciganos, e também asiáticos, descendentes de latino-americanos e de africanos. Chegado à maturidade, o Irmão *Joan Lluís Casanovas, fsc*, tomou uma direção resoluta para o restante de sua vida. Ele nos confidenciou:

“Preferi tomar o partido dos excluídos, daqueles que ninguém quer, daqueles que rompem com a vida escolar e decidem permanecer nas ruas, preferentemente a se entediarem numa sala de aula. Eles não confiam na escola; o sistema educacional não lhes inspira nenhuma esperança, uma vez que os “de bens” é que são os predestinados a obterem bons resultados. Eu descobri que esse paradoxo recobria uma questão de justiça, e não se justificava. Esta confrontação fez com que me formulasse algumas questões fundamentais, que logo afetaram toda a minha vida, minha oração e meus engajamentos.

“Mediante minha associação e contatos com a população em cujo meio vivo, descobri e aprendi muitas coisas novas. Encontros de oração com nossos irmãos muçulmanos representam uma inesperada riqueza. Adotar os valores e a maneira de agir, de orar, o modo de viver de nossos irmãos que são “diferentes”, e integrar isto no próprio comportamento e escala de valores, é uma maneira de deixar a gente se evangelizar pelos outros. Sempre há algo de novo nesses encontros.

“Descobri a pobreza de muitas pessoas que haviam colocado toda a sua esperança no primeiro mundo, arriscando a vida para poderem progredir de alguma forma, para ganharem algo mais, e poderem partilhar depois com alguém de sua parentela em países longínquos. Há ali pessoas que perderam sua identidade neste mundo, que lutam acima de tudo para “terem algo” e perderam o senso de “serem algo”. Eles entraram ali, e arriscaram o jogo; estão mergulhados até o pescoço em dívidas, e não têm nenhum poder de compra. Há entre eles pessoas respeitáveis e muito trabalhadoras que se tornaram “criminosos” para poderem alimentar suas famílias, ou simplesmente para poderem sobreviver. Há entre eles pessoas que abandonaram suas condições de membros de associações religiosas, ou que radicalizaram suas tradições, e nós agora as qualificamos como fanáticos. Nosso mundo “secularizado” os chocou profundamente; eles absolutamente não entendem o que aconteceu conosco neste primeiro mundo; nem por que nós receamos confessar o que acreditamos e a quem dirigimos nossa oração.

“Nós vivemos num mundo globalizado, onde a segregação social está em contínuo crescendo, e onde, a cada dia que passa, há mais segregação. Como lassalistas temos que

pôr-nos a par, e prever o que está acontecendo a nós, neste mundo, e defender os mais pobres. Em meio às mudanças dos atuais valores, onde dominam o individualismo, o consumismo e a intolerância, cabe a nós responder com os novos valores que ultrapassam os materiais, tais como a solidariedade, o pacifismo, o direito à igualdade, o respeito pelo meio ambiente, os valores femininos... permanecendo sempre atentos à tensão entre o global e o local. Temos que chegar ao diálogo e a uma reflexão comum, visando a chegar a um acordo sobre os objetivos da educação, o papel específico da escola e da família. Nossa meta é dar uma resposta às necessidades educativas multiculturais e multirreligiosas que encontramos na sociedade contemporânea.

2.1.2 As Populações Nômades, os Ciganos Itinerantes

Algumas realidades culturais e religiosas específicas:

A partir de 1980 até hoje, nos relata o Irmão *Camille Véger*, nossas atividades de ensino em *Antennes scolaires mobiles*,¹² nos puseram em contato direto e quase cotidiano com grupos de famílias de ciganos itinerantes, cujos filhos, privados de escolas regulares, são analfabetos numa proporção de quase 80%. A ação social que se desenvolveu, na França, em favor deles ao longo dos últimos decênios assumiu sobretudo uma forma de assistência, sem que os ciganos objetassem ou se opusessem a esse trabalho. A intenção dessa atividade é humanizar, mas também fortalecer o controle, e, num contexto de assimilação política, normalizar aqueles que são vistos como marginais ou culturalmente diferentes.

Para nós e para aqueles que os conhecem bem, os ciganos constituem uma minoria cultural com modos de vida, atividades econômicas e valores totalmente dignos de respeito. A coesão e a entajuda das famílias, o respeito pelos idosos, o amor incondicional das crianças e da liberdade, o desinteresse por qualquer tipo de acúmulo de riquezas, a crença e o interesse pela Palavra de Deus, constituem seus principais valores. A metade católicos, a outra metade protestantes, os ciganos que alfabetizamos nas cercanias de Paris, são majoritariamente de profissão protestante, o que forçosamente não é o caso em outras regiões da França. Os pastores ciganos pentecostais,¹³ com uma tendência fundamentalista, se mostram refratários a qualquer espírito ecumênico.

Por que abandonar a segurança de um colégio para ir ensinar simplesmente ler e escrever a crianças e jovens, filhos de nômades? Para sermos breves, digamos que, nos anos iniciais de 1980, a idéia surgiu no meio de um grupo de Irmãos, reunidos sob a sigla SIGEVO (*Service d'Instruction de Gens du Voyage*).¹⁴ Uma iniciativa que La Salle, com toda certeza não se teria negado a aceitar, como podemos deduzir do teor de uma carta que, em 13 de agosto de 1704, enviou ao Irmão *Gabriel Drolin*, em Roma, em que o aconselhava neste teor: “*Parece-me que essa parte da cidade onde há crianças pobres para instruir, e que não têm quem lhes ensine, seria preferível a permanecer numa casa, mesmo que ali ensinasse a pobres, mas que poderiam encontrar outras pessoas que as ensinassem*”. Acrescento que, ao mesmo tempo, a valia desta nossa opção foi providencialmente confirmada mediante um apelo de *l'Aumônerie nationale des*

¹² Espaçosos caminhões adaptados para servirem de salas de aula móveis, cada um com capacidade de acomodar de oito e dez alunos ao mesmo tempo, durante uma média de duas horas diárias, para ensinar ao maior número possível de crianças e jovens ciganos a ler e escrever.

¹³ Este movimento, hoje, chegou a ter uma dimensão internacional, conquistando numerosos adeptos entre os ciganos de todos os países da Europa ocidental, mas também na África e na América Latina.

¹⁴ Grupo constituído de 15 Irmãos liderados pelos Irmãos PIERRE e François FREZEL.

Gitans, solicitando ao Irmão *Michel Sauvage*, Regional da França, Irmãos para a educação dos filhos da população nômade.

Devido à situação de essas crianças e jovens não poderem ser acolhidos em escolas regulares, que não as há em condições de aceitá-los, a escola, evidentemente, tinha que ir a eles. Foi assim que surgiu a primeira sala de aula móvel, uma iniciativa que adotamos em setembro de 1982,¹⁵ iniciativa seguida por um outro Irmão,¹⁶ seis meses mais tarde numa circunscrição administrativa escolar vizinha. Hoje, em cerca de quarenta “caminhões salas de aula” (*Antennes scolaires mobiles*), anualmente são alfabetizados mais de 4.000 crianças e jovens itinerantes, em periferias das grandes cidades (Paris, Lyon, Toulouse, Grenoble, Lille, Bordeaux...). Imersos nos ambientes dos nômades, foi-nos preciso aprender primeiramente deles, antes que pensássemos em ensinar-lhes. Da condição de professores, tivemos que passar à de alunos, aprendendo tudo daqueles mesmos com quem tencionáramos “percorrer um lance do caminho”.

Alterações e Reesturações em nossos Planos de Ação Educativa

Evidentemente, nosso objetivo educacional tem que ser constantemente reestruturado e remodelado de acordo com a cultura específica dos ciganos. O relacionamento educativo afeta tanto o contato com as famílias quanto com as crianças, prestando atenção à cultura deles (predominância do oral comparado com o escrito), seu modo de vida, seus valores e tradições de família (fraternidade), suas noções de tempo e de espaço, e seu senso de solidariedade.

Era evidente que para os métodos empregados serem eficazes, deviam sempre ter em conta os elementos acima citados.

1. A urgência de aprender a ler e escrever. Do domínio destas habilidades dependia seu futuro.
2. A introdução de um método rápido de aprendizagem da leitura. O método KIKO foi inventado e testado com êxito, desde 1970, pelo Irmão *Etienne PIERRE*. Ele é um pioneiro em matéria de instrução das crianças, filhos de nômades. Seu método permite alcançar bons resultados malgrado as inúmeras dificuldades que devem ser superadas, devidas principalmente à sua cultura e à situação social tão distanciada do universo da escolarização: extrusões regulares das famílias; ausência de pré-requisitos escolares; utilização de um linguajar muito afastado da língua francesa padrão; afluência de alunos dificilmente distribuíveis em grupos de mesmo nível; dificuldade para as crianças manterem a atenção seguida durante um tempo relativamente longo; recusa, ou medo de integrar-se numa estrutura escolar regular; temor de abrir-se ao mundo exterior.

Num balanço final enumeramos centenas de novos leitores. Foi um êxito incontestável, mas por outro lado muito modesto comparado com a importância das prementes necessidades não satisfeitas. Sejam quais forem esses bons resultados, também não pudemos furtar-nos à preocupação de não termos estado atentos a riscos apontados por algumas pessoas, como sejam: a criação de bairros guetos, com possibilidade de avultar a marginalização dessa população; o estancamento de toda evolução, no tempo, destas estruturas; da omissão da avaliação dos métodos empregados e dos resultados obtidos; de nos instalarmos numa rotina pedagógica deixando de lado qualquer pesquisa pedagógica.

¹⁵ Iniciativa precedida de dois anos de auscultação do meio cigano: estudo da cultura e da língua dos ciganos na Universidade; curso de alfabetização em famílias nômades, e conhecimento dos itinerantes a partir de visitas com o capelão nacional dos ciganos.

¹⁶ Irmão *Léon Côte*, iniciador de várias *Antennes scolaires mobiles* no Departamento de *Val d’Oise*.

Abertura da escola lassalista

Para ter êxito na abertura de uma escola lassalista ao intercultural e à integração de grupos minoritários, convém:

1. Ter em consideração a realidade integral das crianças, aceitá-las como são e, tais quais eram quando entramos em contato com elas.
2. Viver tão próximo quanto possível das comunidades, e promover e valorizar sua cultura específica.
3. Adotar uma representação positiva e incondicional da educabilidade das crianças.
4. Inovar em matéria de implantações, de estruturas escolares, de métodos e de programas apropriados.
5. Dirigir um olhar a Deus Criador, que ama especialmente os pobres e quer o progresso e a salvação de todos.

A Finalidade da Escola Lassalista

Um último ponto, muito importante, mereceria ser ampliado: aquele que trata das finalidades da Escola Lassalista, na sua abordagem do intercultural. Impõem-se, de imediato, três questões:

1. Que expectativas ou anseios materiais e espirituais tem ela com referência às crianças culturalmente diferentes que ela acolhe?
2. Tenciona ela, a exemplo da escola pública, promover uma sociedade homogênea no seio da qual todo indivíduo é chamado a conformar-se com um modelo culturalmente uniforme?
3. Ou então, privilegia ela uma sociedade pluralista ou as etnias, e os grupos minoritários são apreciados com sua identidade própria, e contribuem para enriquecer o patrimônio cultural da nação? Não será acaso este o tipo de sociedade que se está buscando e do qual dependerá o modelo de escola correspondente?

Hoje em dia ainda, assim nos parece, o debate entre uma concepção normalizadora e uma concepção pluralista está longe de concluído; hoje, este debate se tornou crucial. Ele toca todas as questões vinculadas à integração e ao secularismo.

2.1.3 Pedagogia do Mundo Operário

Três Irmãos Lasslistas, *Louis Boudaut*, *Paul Fromy* e *Raymond Hirtz* nos ensejam uma reflexão sistematizada sobre uma experiência vivenciada por eles.

Paul Fromy resume assim sua experiência: “*Eu não “divulguei” uma pedagogia lassalista. Eu descobri a pedagogia do movimento operário*”. Logo a seguir ele nos revela a chave de sua orientação pessoal, pedagógica e lassalista:

*Progressivamente eu me fui inserindo no mundo operário. A guerra da Argélia foi o detonador. Descobri o que é o subdesenvolvimento. Sua realidade não me saía da cabeça, mas fazer algo estava fora do meu alcance. Eu era professor, e assim comecei a empenhar-me na alfabetização de operários imigrantes, gente do terceiro mundo dentro do nosso primeiro mundo. Isto fez que me tornasse um semi-permanente numa ASTI (*Association de soutien avec les immigrés* - Associação de apoio aos imigrantes).*

Junto com um grupo de jovens, refleti sobre o que deveria ser uma pedagogia de promoção coletiva. E, pouco a pouco, entrando em contato com militantes sindicais, descobri que estes sabiam como aplicar uma pedagogia coletiva assim. Então, seguindo o exemplo de dois jovens, decidi fazer-me operário entre os operários estrangeiros. Foi assim que, durante cerca de vinte anos, trabalhei em serviços de limpeza pública, nove anos como gari efetivo, onze anos como permanente, desenvolvendo, formulando e coordenando as equipes sindicais de limpeza da região parisiense.

Ingressar num mundo operário é descobrir um território incomum, adentrar uma cultura que nos é tão estranha como a cultura dos esquimós ou dos incas. Monsenhor *Ansel*, em seu tempo, fez um notável estudo das características dessa cultura (viveu cinco anos com os operários). Cito aqui algumas dessas características:

- Um pensamento *indutivo*, e não *dedutivo*. É a vida, é a ação, que permite a reflexão e a análise.
- Uma progressão baseada na ação, e não na transmissão intelectual. Mediante a ação sindical os homens e as mulheres crescem, se formam, vão adquirindo cultura.
- Prioridade ao coletivo. A ação sindical tem por finalidade ampliar a solidariedade, fazer progredir o conjunto, uns se apoiando nos outros.

A Missão Operária... a mesma Pedagogia ... a Identidade de ser Irmão

Através da missão operária, eu descobri uma Igreja diferente, que não era manipulada por sacerdotes, mas que se apoiava em leigos que assumiam suas responsabilidades, animavam encontros e celebrações, testemunhavam sua fé através de seus compromissos temporais. Participando na educação de homens e de mulheres para se manterem em pé, crescerem em solidariedade e fraternidade, realizando esse trabalho no seio de uma organização operária, na qual tenho o meu lugar, insistindo juntamente com outros sobre a preocupação pelos excluídos, os mais pequenos de todos... sempre me senti mais profundamente "Irmão". Contribuir com a Missão Operária na descoberta das sementes do Reino de Deus; partilhar compromissos com outros militantes (cristãos, muçulmanos, descrentes...) e aprofundar o sentido desses compromissos, tudo isto fez com que eu sentisse profundamente que sou um "Irmão das Escolas Cristãs".

A ação católica, no mundo popular, aplica essa mesma pedagogia de promoção coletiva. O texto que segue propõe um instrumento de discernimento, resultado da reflexão da comunidade de *Nîmes*, ao decidirem sobre o Projeto Comunitário.

O desenvolvimento de uma pedagogia de promoção coletiva deveria corresponder aos seguintes critérios:

1. Favorecer uma *expressão coletiva* da análise da situação.
2. Provocar uma *corrente de solidariedade*.
3. Tornar um agente, um *líder*.
4. Integrar em *estruturas coletivas*.
5. Exercitar na função "memória, revocação".
6. Trabalhar para uma sociedade mais justa.
7. Priorizar os mais pequenos.

Ser Irmão no meio dos “outros” presentes em nossos bairros

Quanto às realidades culturais e inter-religiosas, o Irmão *Louis Boudaud* entrou em contato com uma grande diversidade de pessoas, sobretudo em bairros do Grande Maghreb (Marrocos, Argélia e Tunísia) e da África, seja ocidental, seja subsaariana por um lado, e por outro, a partir do acompanhamento de jovens em sucessivos deslocamentos das Antilhas, Portugal, e cada vez mais da África. Ele dá este testemunho:

Pessoalmente, julgo ser indispensável, aprender a conhecer as pessoas bem antes de lhes falar de educação ... de Evangelho. Dos antilhanos aprendi que é muito importante participar com música nas festas e comemorações. Dos magrebinos, aprendi a ser muito respeitoso de sua religião e de seus costumes. Dos portugueses adquiri uma compreensão melhor da importância da família, do domingo, e de certos valores, como do trabalho. Os africanos ocidentais me ensinaram o lado associativo e religioso das coisas, a importância de manter os vínculos com as origens. Com os africanos do sul do *Sahel*, estepes secas da África do Norte, compreendi melhor o que pode representar viver como celibatário numa hospedaria ou albergue, não ter documentos pessoais, trabalhar no mercado negro, e malgrado tudo isto, ter que sustentar a família em sua pátria. Não gostaria de esquecer os metropolitanos de *nossas cidades*, que não têm os recursos mínimos necessários, por vezes os mais modestos, para sair dessas cidades; eles me ensinaram a prestar atenção às misérias ocultas.

Para mim, é através da convivência, do envolvimento com os jovens e com os adultos que os sustentam, que passa meu comprometimento, minha maneira de ser irmão. Com uma prioridade: um cuidado muito especial por aqueles que são postos de lado.

O Impacto de um Compromisso “não institucional”

O Irmão *Raymond Hirtz*, por sua vez, insiste sobre a importância de sua experiência “fora da instituição”, por ter descoberto uma dimensão essencial da realidade multicultural e multirreligiosa. Ele nos explica:

Com certeza, alguns se espantariam se lhes dissesse que foi na JOC e na ACO ¹⁷ que eu melhor entendi “o Espírito de Fé”. Nunca antes me senti tão lassalista como desde que me encontro em *Montreuil*. Assim como La Salle teve que “inculturar-se” nos pobres, partilhando a vida de seus “pobres Irmãos”, eu tive que inculturar-me (um pouco) no mundo operário e no mundo popular, sem ter perdido, assim espero, o melhor de minha cultura lassalista. Trinta e cinco anos de vida num meio popular e dois empregos em usinas, com duração de nove meses cada um, dia e noite, me capacitaram a partilhar e vivenciar mais de perto a cultura da classe operária e, mediante suas uniões ou sindicatos, os movimentos operários. A especificidade lassalista tem suas riquezas que é preciso resguardar, mas não é a única que possui riquezas. Aprendem-se muitas coisas freqüentando os “outros”. Acredito que os Irmãos “fora das instituições” teriam muitas coisas a dizer ao Instituto.

¹⁷ JOC (Juventude Operária Católica) – ACO (Associação de Operários Católicos).

Interrogando-me sobre quais realidades multiculturais e/ou multirreligiosas eu tive que defrontar, me dei conta que o termo "defrontar" não traduz bem o espírito em que, passados 35 anos, decidi ir viver numa setor urbanístico precário (*Seine Saint-Denis*), numa cidade (*Montreuil*, que tem tido um prefeito comunista desde há 60 anos), num bairro "de riscos" de uma cidade com mais de 40% de imigrados, sem contar os DOM-TOM¹⁸, portanto, multicultural e multirreligiosa, e também a-religiosa (três células comunistas na cidade, naquela época).

Desde a chegada dos muçulmanos, parece que as pessoas esqueceram que os a-religiosos são cada vez mais numerosos. Multicultural não se aplica somente a culturas de outros países: a classe operária e o mundo dos trabalhadores também têm suas culturas, com seus valores próprios. Os lassalistas, na França, a mim parece, por sua mentalidade, sua cultura e suas reações, são mais da classe média.

Minha atividade evangelizadora não faria sentido, a não ser que eu me esforçasse, em minha maneira de proceder, meus métodos de agir e minha fé nos valores que defendo, ser tão fiel quanto possível ao Evangelho. Nosso santo Fundador nos diz que nossa primeira regra é o Evangelho. Eu julgo que estou impregnado do espírito lassaliano em meus métodos, atuações, valores, e nas associações, no sindicato (CGT),¹⁹ nos movimentos, atividades, etc... Minha maneira de proceder, com certeza, se ressentiu disso. Mas, minha primeira preocupação não é saber se estou preservando a especificidade da educação lassalista. O fato de ter acompanhado equipes da A.C.O. e da J.O.C. me iniciou numa pedagogia diferente da escolar, o que enriqueceu muito minha pedagogia e meu modo de fazer as coisas. Meu apoio à escolarização se está beneficiando amplamente disto, bem como meus relacionamentos com os jovens.

Eu não penso que se trate exatamente de "pedagogia" lassalista ou de "educação" lassalista, mas sim de "comportamento" lassalista, que é, antes de tudo, um comportamento evangélico. Eu verifiquei que muitos antigos alunos, que mantiveram contatos com seus professores Irmãos, tiveram oportunidades de consultar esses Irmãos acerca de problemas nem sempre escolares. Recentemente li um texto que resume muito bem o que penso quando me falam de evangelização: "Não posso "demonstrar" quem é Jesus, mas posso "mostrar", e, às vezes, tentar "dizer" quem Jesus é na minha vida".

2.2 A Presença dos Irmãos entre, os Quéchuas, os Aimarás, os Maias...

2.2.1 Os Povos Indígenas em seus Próprios Ambientes

Todos os povos indígenas latino-americanos têm uma identidade própria, enraizada numa cultura específica, com referência a um universo religioso típico, e com tradições orais e escritas. Esses povos foram influenciados por um contexto geopolítico que lhes garantiu uma certa estabilidade de vida, que se foi moldando e enriquecendo com o passar de séculos. Sua sina foi dramaticamente perturbada com a chegada dos conquistadores, colonizadores e evangelizadores europeus, a partir de 1492. Ainda que, com o passar do tempo esses contatos tenham contribuído

¹⁸ DOM-TOM: abreviação dos Departamentos e Territórios ultra-mar.

¹⁹ C.G.T. : Confédération Générale du Travail.

para uma inegável emancipação, esses povos indígenas, até hoje, sempre têm sido vítimas de uma evolução que eles não puderam determinar ou influenciar a seu bom grado.

Como consequência da colonização, não se pode falar de povos autóctones da América Latina, sem tomar em consideração os relacionamentos e interações que desenvolveram com os outros países e continentes, especialmente os Estados Unidos e a Europa. Desde os primeiros contatos, agora passados cinco séculos, gente interessada especulavam principalmente por lucros financeiros e a extração de minerais e de outros recursos, sendo as riquezas naturais extraídas ou extorquidas, destinadas evidentemente, aos povos do primeiro mundo. A gradativa emergência de autonomias políticas e democráticas, nos séculos XIX e XX, continua muito dependente das lutas pela hegemonia econômica, política e militar no cenário internacional, dos efeitos da globalização, das sublevações sociais em nível do continente, dos choques de interesse entre uma intenção de zelar pelo bem-estar de todos e as intervenções anárquicas, amiúde violentas, para preservar interesses particulares e exclusivos.

Por ocasião da Revolução Francesa (fim do século XVIII) e da secularização (1904-1905), um certo número de Irmãos, especialmente franceses e belgas, se expatriaram para a América Latina. Progressivamente estabeleceram uma rede de escolas postas ao atendimento das múltiplas necessidades educacionais e assistenciais do continente. Aproveitando-se de sua experiência e competência adquiridas, de sua criatividade, e fiéis ao carisma lassaliano, muito em breve, e com autoridade, deixaram sua marca no desenvolvimento da educação.

Nestas últimas décadas, mesmo reconhecendo a qualidade e a urgência da educação oferecida nas escolas primárias e nas de ensino fundamental, em grandes colégios, e mesmo em algumas universidades localizadas em cidades de desenvolvimento rápido, os Irmãos da América Latina se questionaram sobre o alcance de sua presença em face da situação sempre dramática do continente. Obviamente, a situação é muito complexa. Mas, os numerosos e coerentes esforços da RELAL, incentivaram os Irmãos a reverem sua inserção nos diferentes países, e buscar uma integração mais profunda dos compromissos pessoais e coletivos. Mais particularmente, não é possível que se furtem ao atendimento das populações indígenas na situação em que estas se encontram, não apenas em nome do autêntico valor das tradições culturais e religiosas, mas sobretudo porque a sobrevivência desses povos está permanentemente ameaçada. Com frequência, as terras pertencentes por direito aos indígenas, constituem um importante lança para os interesses dos governos, de organizações econômicas e políticas, tanto nacionais, como de mafiosos internacionais. Sutilmente orquestrados por redes internacionais, eles correm o risco de se tornarem novamente vítimas, destinados a serem eliminados em suas próprias terras por agentes estrangeiros, e impossibilitados de quaisquer iniciativas para decidirem sobre seu próprio futuro.

É neste sentido que vários Irmãos relatam sua inserção nas populações indígenas, e explicam em quê essa experiência, para eles, tem um valor profético.

2.2.2 Na Bolívia: a Rádio San Gabriele

No referente ao trabalho dos Irmãos na Bolívia, o Irmão *Jaime Calderón*, diretor geral da Rádio San Gabriele, descreve o impacto que os Irmãos causaram nas variadas iniciativas de educação propostas aos povos indígenas.

Em primeiro lugar, esses povos apresentam uma grande diversidade de identidades culturais e religiosas.²⁰ Encontra-se ali toda a gama “multicultural” e “multirreligiosa” própria do mundo indígena latino-americano. Dos oito milhões de habitantes da Bolívia,²¹ mais de dois milhões são quéchuas, um pouco menos de dois milhões são aimarás, e 150.000 habitantes pertencem às diversas etnias da Amazônia Boliviana. Todas essas etnias têm uma cultura e práticas religiosas próprias.

A cultura de origem, a religião própria, a história e a localização geográfica representam a riqueza da sociedade aimará. É de importância vital reconhecer essa cultura e essas tradições, para evitar conflitos e estimular a criatividade, em vez de impor produtos culturais de fora. Mas, pobreza, marginalização e um baixo nível de educação apresentam grandes problemas.²²

A par dessa diversidade, inerente à história da população originária da América Latina, surge um outro problema devido à sempre crescente presença de seitas protestantes. Durante a presidência de *Ronald Regan*, nos Estados Unidos foi criado o *Institute for Religion and Democracy* com a finalidade de estimular financeiramente os esforços de introduzir religiões alienantes na América Latina, e provocar uma desestabilização da democracia.

Na Bolívia, os Irmãos se notabilizaram pela maneira como estão gerenciando a Rádio San Gabriele. É uma iniciativa conjunta da Igreja, que é a proprietária, do governo, e dos Irmãos das Escolas Cristãs. A programação das transmissões foi confiada aos Irmãos e a seus colaboradores. Em 2005, a RSG comemorou suas “bodas de ouro”.

A Rádio San Gabriele oferece uma contribuição excepcional à educação e à evangelização povos indígenas. É considerada uma iniciativa pioneira da educação alternativa; responde às exigências da fé no referente à reforma da educação (1994), e se utiliza dos meios de comunicação de massa nos múltiplos programas educativos:

²⁰ Em torno de 20% dos bolivianos professam o catolicismo romano, se bem que os praticantes ativos constituam uma proporção bem menor. Tradicionalmente, a prática da religião era atribuição das mulheres. Os homens não percebiam nenhuma obrigação de freqüentar a igreja ou de praticar sua religião. A ausência do clero nas regiões rurais alentou o desenvolvimento de um catolicismo popular andino entre os índios. Ao longo de dezenas de anos após o Concílio Vaticano II (1962-1965), a Igreja tencionou tornar a religião uma força mais ativa na vida social. O conjunto dos deuses quéchuas e aimarás é uma mescla de espíritos e de seres cristãos e pré-colombianos. Uma divindade, como a virginal filha do deus-sol inca, foi transformada numa figura cristã, neste caso a Virgem Maria. Muitos seres sobrenaturais eram vinculados com um determinado lugar, por exemplo, o espírito de um lago, ou de uma montanha. A mãe-terra, *Pachamara*, e os rituais da fertilidade desempenhavam um papel preponderante. Nos anos da década de oitenta, os mórmons, as testemunhas de Jeová, os adventistas do sétimo dia e os membros de diversas denominações de pentecostais conquistaram um crescente número de adeptos entre as populações clandestinas em terras devolutas rurais e urbanas. Devido ao fato de essas denominações religiosas tenderem a enfatizar a salvação individual e descartar as questões sociais e políticas, muitos esquerdistas as acusaram de agentes do governo dos Estados Unidos.

²¹ Estimativa da população em 2004: Total: 8.724.156. A repartição étnica é estimada em 58% a 79% de população indígena, e 30% a 42% de população de origem européia e mestiça. Os mais numerosos de cerca de três dúzias de grupos indígenas são os aimarás, os quéchuas e os guaranis.

²² Cerca de dois terços de sua população, da qual a maioria pratica uma agricultura de subsistência, vivem na pobreza. A densidade de população varia de menos de um habitante por Km² nas planícies do sudeste, a cerca de 10 por Km² (25 por milha quadrada) nos planaltos do centro. A elevada taxa de mortalidade na Bolívia mantém o índice de crescimento anual da população em torno de 1,96% (1999). Em torno de 90% das crianças freqüentam a escola primária, porém, muitas vezes durante um ano apenas, ou até menos. O índice de alfabetização é baixa em muitas das áreas rurais.

- Educação através da *palavra impressa*, tendo publicado entre 2003 e 2004, aproximadamente 200.000 textos de alfabetização bilíngüe (*Ullana* e *Quilqana*), e 2.300.000 unidades temáticas (módulos) visando aos níveis A, B, C do ensino primário, D, E e F do ensino secundário.
- Educação pela *televisão*: Em 2005, por ocasião do quinquagésimo aniversário, a administração da Rádio San Gabriele, propôs a produção de um filme educativo, em língua aimará, sobre a cultura desse povo, para ser difundida pelo Canal 18 da Televisão Católica.
- *A Educação a Distância*, que promove a Auto-educação de Adultos a Distância (SAAD-RSG), aprovada pelo Estado, em 1986 e 1992. Participam nela milhares de pessoas, utilizando o sistema universal do “texto-tutor”. Por este sistema são fornecidos os textos, e as comunidades aimarás são estimuladas a criar centros de estudo, e escolherem entre si os animadores, que são formados pelo SAAD, mediante cursos mensais organizados em seu centro de formação de *Choquenayra*, *Viacha*. O SAAD é também responsável pela avaliação do centro de estudos e dos participantes que concluem sua formação. Muitas equipes de professores, remunerados pelo Estado boliviano, seguem este sistema. Até agora, mais de cem mil adultos aimarás exitaram, passando de uma cultura “oral” para uma cultura “escrita”, mercê de um diploma bilíngüe conquistado. Em dezembro de 2004, cento e quinze adultos, homens e mulheres, se qualificaram para a obtenção, através da Universidade do Estado, de um diploma de graduação, reconhecido pelo Estado, que lhes possibilita prosseguir em estudos de grau superior.
- *Educação através de contato direto*. Mensalmente são organizados diversos cursos de especialização. Em 2004, por exemplo, cursos de “formação política da mulher”, de “obtenção de uma melhor qualidade genética”, de “animadores do SAAD”, de “formação de lideranças religiosas”.

Desta maneira, a Rádio San Gabriele, colabora amplamente com a Igreja, o governo do país e o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs. A educação radiodifundida foi inspirada pelo método original de Educação Libertadora do educador brasileiro *Paulo Freire*, e a evangelização se inspirou na teologia da libertação do sacerdote peruano *Gustavo Gutiérrez*. O povo aimará prima por sua solidariedade. A palavra AYNI, na língua desse povo, significa “ajuda mútua”, e o termo AYLLU significa “ação comunitária”. Esta abertura ao outro e a uma solidariedade comunitária, obviamente pressupõe um consenso no seio da comunidade, sobre o valor e o respeito pelo próximo. A cultura altruísta desse povo contrasta enormemente com o individualismo da globalização.

2.2.3 Na Guatemala: Superação do Racismo

"Parece negro" ou "parece índio", são insultos freqüentes na América Latina;
 e "parece branco" é uma deferência freqüente.
 A mescla de sangue negro ou índio "deprime a raça";
 a mescla com sangue branco "aprimora a espécie".
 A busca dirigida por uma democracia racial, na verdade, se reduz a uma pirâmide social:
 O ápice é branco, ou, com certeza, se tornará branco:
 E a base é sempre negra de cor.
Eduardo Galeano
 (Tradução livre)

O Irmão *Oscar Azmitia* nos esclarece que a Guatemala é um país constituído de quatro povos distintos.²³ Três deles são indígenas, marcados por um impressionante racismo, origem de uma discriminação permanente que ali se instalou desde há séculos. Há nisto coisas que não podem ser olvidadas, coisas que todo o mundo deve saber. Para complementar as prioridades que irei enunciar no texto abaixo, quis antepor uma asserção de *Eduardo Galeano* sobre a questão do racismo na Guatemala.

O racismo se expressa em termos de selvageria cega em países como a Guatemala, onde os índios sempre constituíram a maioria da população, não obstante os numerosos movimentos para exterminá-los.

Hoje, na Guatemala, o trabalho mais pessimamente remunerado é o dos índios maias, que recebem o equivalente a sessenta e cinco cents de dólar para colher 46 quilos (quatro arrobas) de café ou algodão, ou o corte de uma tonelada de cana de açúcar. Aos índios é proibido plantar milho, sem permissão; não podem viajar sem autorização e dispensa do trabalho. O exército organiza um recrutamento maciço na época da sementeira e da colheita de cereais, destinados à exportação. O uso de pesticidas nas plantações é cinquenta vezes mais elevado que o limite máximo internacional. O leite materno das índias é o mais contaminado do mundo ocidental. *Felipe*, o irmão mais novo de *Rigoberta Menchù*, e *Maria*, sua melhor amiga, morreram jovens, devido à pulverização de pesticidas por avião. Felipe morreu trabalhando num cafezal. Maria, trabalhando numa lavoura de algodão. Depois, com facões e armas de fogo, o exército exterminou toda a família de *Rigoberta*, e todos os membros de sua comunidade. Somente *Rigoberta* sobreviveu e pôde narrar-nos tudo isto. (Obs. *Rigoberta Menchù*, *Prêmio Nobel da Paz*, 2006).

Com despreocupada impunidade, foi oficialmente reconhecido que, entre 1981 e 1983, numa vasta campanha de extermínio, 440 aldeias indígenas desapareceram do mapa, e milhares de homens e de mulheres foram assassinados, ou foram levados cativos e declarados desaparecidos. As técnicas de "saneamento das montanhas", de "roçada das terras", custou a vida de numerosas crianças indígenas. Os militares da Guatemala têm a convicção de que a rebelião se transmite pelos genes.

Será que uma raça inferior, condenada ao vício e à preguiça, incapaz de ordem e de progresso, mereceria algo melhor? - A violência institucional, o terrorismo do Estado cuidam disto para não deixar dúvida. Os conquistadores já não usam escudos de ferro, mas vestem os uniformes usados durante a guerra do Vietnã. E não têm a pele branca: são gente mestiça, com vergo-

²³ População (estimativa de 2005): 14.655.189 (crescimento: 2,6%) – Índios: 55%; mestiços: 44%. – O número de línguas arroladas para a Guatemala é 53 (cinquenta e três). Destas 51 (cinquenta e uma) são línguas vivas, e duas são extintas.

nhados de sua estirpe, ou índios caçados pelo poder público e forçados a cometer crimes, que os incitam ao suicídio. Na Guatemala os índios não são respeitados; a Guatemala não se respeita a si mesma.

Essa raça, hoje tratada como inferior, descobriu a cifra *zero* mil anos antes dos matemáticos europeus! Eles já conheciam a idade do universo com uma surpreendente exatidão, mil anos antes dos astrônomos da nossa era.

O Irmão *Oscar* nos refere: Foi preciso que superasse o racismo que eu absorvera em minha infância e em meus jovens anos. Para chegar a isto, foi-me preciso superar diversas atitudes, como o paternalismo, para finalmente reconhecer a diversidade como uma riqueza, e estabelecer autênticos relacionamentos inter-culturais. Neste últimos doze anos, minha responsabilidade como diretor de uma ONG, da qual a maioria dos trabalhadores são indígenas, falando bem oito línguas maias, me capacitou a ajuizar sobre a visão cósmica do povo maia, e a emergência de uma espiritualidade maia. Para chegar ao ponto de o desenvolvimento desejado coincidir com o almejado desse grupo étnico, tive que aprender a integrar a visão cósmica desses índios nos processos de desenvolvimento. Foi assim que a ONG se pôs a serviço do povo maia.

Certas exigências do povo maia, tanto naquilo que se refere à educação quanto ao desenvolvimento, refletem um certo absolutismo, devido ao impacto da memória de sua história passada. Eles têm sido permanentemente discriminados, muitas vezes perseguidos, e em outros momentos ignorados por todo o mundo.

2.2.4 A Recepção do Evangelho

Conheço a cultura milenar dos maias e tenho condições de apreciar o enorme potencial deste povo para responder às interpelações que hoje nos faz a globalização, bem como o valor de sua simplicidade em face da abundância, seu respeito à mãe-terra, testemunhando a incontrolada destruição ecológica, seu diálogo inter-gerações quanto à violência, sua visão holística em face da fragmentação...Estes valores têm sido vivenciados por esse povo durante milhares de anos, e eles estão no cerne do novo paradigma que está emergindo neste momento.

Progressivamente fui descobrindo como eles vivenciam os valores evangélicos e como os enriquecem com sua visão cósmica. Seu sentido de profundidade, da essência das coisas, sua simplicidade e hospitalidade me enriqueceram. Aprendi a procurar atingir o consenso como método de tomada de melhores decisões. Esta visão exige muito mais tempo, mas dá mais satisfação e leva a soluções mais acertadas. Aprendi a adotar experiências educativas e desenvolvimentos pertinentes à cultura deles. Tenho colaborado no desenvolvimento de metodologias da educação multicultural bilíngüe. O fato de ter que tomar em consideração a visão cósmica deles me obrigou a alargar meus pontos de vista, e ser mais exigente quanto à reflexão e às ações concretas. Finalmente, consegui abandonar vários de meus esquemas mentais, e superar outros, optando por novas maneiras de ver o mundo e nele me situar.

2.2.5 A Contribuição dos Irmãos na Evangelização

Eu tenho a convicção de que o caráter específico da fé cristã se situa na abertura da mente. O essencial da Igreja não se assenta no dogma, mas na capacidade de ter sensibilidade, simpatia, ternura para todos os grupos étnicos e culturas. Essa compreensão me incitou a trabalhar no meio desses índios, e a atribuir mais importância aos valores evangélicos – e não ao proselitismo. Acredito que isto está em perfeita consonância com aquilo que Jesus fez no seu tempo: procla-

mar o Reino, e não a si próprio. A educação oferecida pelos Irmãos, antes de mais nada, tenciona ser uma educação cristã, e tem o dever de se abrir e de estar a serviço das culturas, da paz, e constituir um espaço inter-religioso e de diálogo intercultural.

Cheguei a entender que a inculturação do Evangelho é uma exigência lógica para ser discípulo de Jesus. Não pode haver uma libertação autêntica sem o reconhecimento e a valorização da identidade cultural de cada pessoa e de cada povo. Toda a pompa institucional da Igreja, toda a apresentação dela como uma cultura ocidental não é necessária, e não tem conexão com a fé propagada por Jesus, que não era romano nem conhecia Roma. Na encíclica *Evangelii Nuntian-di*, o Papa Paulo VI disse que “a ruptura entre o evangelho e a cultura, sem dúvida alguma, é um drama da nossa época”.

A opção pelo serviço aos pobres coincide concretamente com o fato que, em muitos países do mundo, os mais pobres são exatamente os povos indígenas, por isso, cabe a nós, colocarmo-nos ao lado deles. A educação lassalista deve favorecer a criação de espaços em que os povos submetidos ao silêncio possam falar e ser ouvidos. Ela deve pôr-se a serviço da escola pública e defendê-la, porque é ali que se encontra o maior número de pobres. Deve opor-se ao racismo porque este considera a outros como inferiores, com base na cor da pele. Deve defender “o direito de ser diferente quando a igualdade descaracteriza, e o direito de ser igual quando a diferença interioriza”.²⁴

A educação lassalista deve ser um instrumento de libertação. Os povos indígenas foram expulsos de suas terras, e eles têm o direito de recuperá-las. É preciso criar espaços onde eles possam conscientizar-se da existência da cultura de silêncio a que estão reduzidos, e recuperar o direito à palavra, a dignidade própria da pessoa humana, o direito de serem um povo. A educação lassalista deve promover a cultura própria a que eles têm direito, pois, para esses povos, a escola, muitas vezes, tem sido um espaço de alienação cultural.

Os maias continuam sendo “mendigos de estrada” no tempo. O quê vem a ser um “mendigo de estrada”? Do tempo! Esses indígenas não sabiam que o tempo valia “ouro”, “dinheiro” no dizer de *Henry Ford*. O tempo, a base do espaço, para eles, é sagrado. Sagrados são também a terra, sua filha, e o ser humano, seu filho. Assim como a terra e como as pessoas, o tempo não pode ser comprado nem vendido. - A civilização continua a fazer o que pode para protegê-los contra este erro.

2.3. O Oriente Próximo: Os Cristãos entre os Muçulmanos e os Judeus

O Oriente Próximo constitui uma região muito complexa, que agrupa o Egito, o Líbano, a Jordânia, Israel/Palestina, a Turquia, a Síria, a Cisjordânia e a Jordânia. Ninguém pode imaginar uma região mais marcada e influenciada pela história das religiões. Nesta região se encontram as raízes históricas do monoteísmo, do judaísmo e do cristianismo, e depois, também o islamismo se implantou ali. Mesmo que já anteriormente à era cristã os povos tiveram seus deuses e seus cultos, a religião dos egípcios, sem dúvida, marcou todas as religiões que se desenvolveram depois nessa região. Em todos esses países, os cristãos se encontram numa posição de minoria, dominados numericamente, não somente devido ao número de fiéis de outras confissões, mas, com frequência também política e culturalmente; por vezes, se vêem obstaculizados por regimes políticos e/ou militares.

²⁴ Cf. Bonaventura Souza de Santos (*O direito de ser diferentes quando a igualdade tolhe a originalidade e o direito de ser iguais quando a diferença é sinal d a originalidade*).

2.3.1. No Egito

A educação e a posição minoritária dos cristãos

No referente ao Egito,²⁵ por exemplo, a sociedade é muçulmana em 92%. Os cristãos se acham mergulhados no meio da massa.²⁶ A religião das pessoas é registrada na cédula de identidade. Por vezes, os cristãos padecem de um sentimento de inferioridade, e então manifestam a tendência de rejeitar o islamismo considerado como invasor. Ao longo dos anos, os Irmãos Lassalistas, ao se defrontarem com situações difíceis, deram provas de uma adaptação e criatividade exemplares, chegando a estabelecer-se em contextos tão variados, sem ao menos poderem dispor do padrão “lassalista” ou do “Guia das Escolas” para abrir um caminho coerente com as circunstâncias. Acontece o mesmo com Irmãos de outros continentes. Sua experiência e sua sabedoria, no que se refere à educação dos alunos não-cristãos, se manifestam como fonte de reflexão e de discernimento para todo o Instituto.

Como assevera o Irmão *Jean-Claude Héroult*: Nós acolhemos alunos e educadores cristãos de diferentes confissões (ortodoxos, católicos e protestantes, pertencentes a ritos diferentes: (copta, latino, grego, siríaco e maronita); muçulmanos, por sua vez, também de ritos variados (sunita, xiita e druzo); judeus, em certos lugares. O vínculo comum para toda essa sociedade é a língua árabe. A cultura árabe, por vezes, atribui importância ao sentimento, ao elemento afetivo em detrimento do racional e da lógica. Por exemplo, as igrejas dos povoados estão providas de alto-falantes, para que toda a população possa ouvir e acompanhar os ofícios religiosos. As pessoas gostam disto, dizem aqueles que estão à frente das igrejas.

Mas, o mosaico de ritos cristãos e as divisões entre cristãos, cada um se fechando em seu próprio rito para se proteger, constitui uma dificuldade toda particular. Existe um certo clima de fanatismo, mais ou menos expresso, e uma competitividade entre as igrejas. Nós verificamos um afeiçoamento muito forte às tradições e aos chefes espirituais. Há uma desconfiança sobre quanto possa significar uma mudança, sempre vista como um ultraje aos valores reconhecidos.

Os jovens, pelo contrário, vêm-se confrangidos entre várias culturas. A televisão e o computador os levam a fantasiar uma outra cultura, diferente da sua, e facilmente adotam a cultura ocidental, fato que está causando conflitos com os adultos, menos sensíveis a essa cultura.

O Irmão *Guy Mouëzy* assim nos relata: A multiplicidade das igrejas (ortodoxa, católica, anglicana, evangélica, exército da salvação) e a mesquita maometana não facilitam as coisas para a nossa pequena *Bayadeya*, cidade de cerca de 25.000 habitantes, onde se entrincheiram uma maneira de pensar bastante fechada e uma mentalidade “provinciana”. Os muçulmanos, contrariamente ao restante do Egito, aqui são minoria.

²⁵ Os egípcios são um povo bastante homogêneo, de origem camítica. Influências mediterrâneas e árabes se fazem sentir no norte, e há uma certa miscigenação no sul, com os núbios do Sudão Setentrional. As minorias étnicas incluem um pequeno número de árabes nômades nos desertos do leste e do oeste, e no Sinai, bem como cerca de 50.000 a 100.000 núbios agrupados ao longo do rio Nilo, no sul do Alto Egito.

²⁶ A religião, tradicionalmente, tem sido uma força social onipresente no Egito. Desde há mais de mil anos, o país tem sido muçulmano. Apesar de tudo, continua a existir uma minoria indígena cristã, os coptas, que chegou a contar até 8,5% da população total. Os outros cristãos que vivem no país contam com cerca de 750.000 membros de diversos ritos, católicos latinos e orientais, igrejas ortodoxas gregas e armênias, e denominações protestantes. Muitos desses cristãos emigraram após a guerra de 1956. Os judeus morando no Egito somavam cerca de mil em 1990. Esses judeus eram um resto de uma comunidade de 80.000 pessoas que viviam no país antes de 1948. A Constituição egípcia de 1971 garante a liberdade de religião.

Nestas circunstâncias, por um lado, observamos entre os cristãos, um anseio de reconhecimento ou legitimação, que se expressa pela tendência de se retraírem para dentro de si mesmos, devido a um sentimento de inferioridade. A responsabilidade de fazer reconhecer sua peculiaridade e suas tradições, parece que se está tornando um imperativo para a sobrevivência. Somma-se a isto uma crescente emigração de cristãos, devida às dificuldades econômicas ou políticas. Mas, por outro lado, o fato de se verem assim expostos na presença majoritária na sociedade, marca os cristãos em sua sensibilidade religiosa. A cultura cristã dá muita importância ao estudo da língua copta, e isto tem duas repercussões na liturgia copta. Mas, é preciso que se diga, que essa língua já não é falada hoje em dia, e que o povo já não a entende absolutamente. Em nossos dias, a língua copta é uma manifestação reveladora do “sagrado”, e parece necessária para salvaguardar a identidade do “egípcio cristão”. A cultura muçulmana influencia muito intensamente os cristãos em seu comportamento cotidiano em termos de costumes e tradições. E a presença nas escolas governamentais para a utilização de textos do alcorão para o ensino da língua árabe, faz com que os cristãos não se interessem por sua própria língua.

A ação educativa e os muçulmanos

A presença dos Irmãos é percebida de maneiras variadas, dependendo das sensibilidades religiosas. Certos muçulmanos manifestam estima e simpatia pela nossa ação educativa. Por sua vez, certos cristãos rejeitam a ação evangelizadora emanada de uma congregação religiosa católica. Nos ambientes de grande pobreza, é muito difícil suscitar o compromisso, o serviço, e sobretudo o engajamento gratuito. Os leigos lassalistas levam adiante a missão dos Irmãos. Já, quantos muçulmanos trabalham com o mesmo espírito que os cristãos no campo da educação! O senso da grandeza e do absoluto de Deus (próprio do islã) é um enriquecimento. O contato com muçulmanos é um chamamento para os cristãos; pode muito bem estimulá-los a uma descoberta mais pessoal de Jesus Cristo.

É a qualidade da inserção que faz a diferença. Assim, por exemplo, os “Cursos para a Vida” na escola, a “Escola Paralela”,²⁷ esta, com crianças que não freqüentam a escola pública, e que hoje compreende em torno de 300 alunos, dos quais 200 meninas, os Movimentos Infantis (M.I.D.A.D.E) e os Movimentos Juvenis (J.O.C.) oferecem possibilidades para os jovens cristãos e os jovens muçulmanos se encontrarem e desenvolverem suas potencialidades. Eles ali vão progredindo juntos, deixando para trás as “fraudes, os plágios, a cola” e a “decoreba”, e obtêm bons resultados. As crianças e os jovens aprendem melhor quando se sentem valorizados como pessoas. Eles ali são ajudados a dar os passos que é preciso dar para a abertura, a tolerância e a unidade, para a partilha da fé e dos ritos, favorecendo um conhecimento aprofundado das tradições e culturas religiosas, e para o desenvolvimento da vida social. Dessa maneira nossa ação educativa e evangelizadora é enriquecida, mas, ao mesmo tempo tem que defrontar-se com dificuldades inerentes ao mosaico humano, tais como uma intransigência paralisante, ignorância de outros, formação de um gueto com suas regras e seus códigos imutáveis, ou a carência de um espírito crítico construtivo.

Um Diálogo e uma Colaboração mais francos e diretos

O Irmão *Jean-Claude Héroult* prossegue: A educação lassalista, ministrada em nossos estabelecimentos, deveria abrir-se mais no sentido de favorecer um conhecimento aprofundado das tradições religiosas e culturais dos entornos em que estão inseridas. Deveria explicitar mais seus objetivos. Nessa perspectiva, enunciaremos algumas prioridades:

²⁷ Cf. uma apresentação pelo Irmão *Guy Mouëzy*, no Boletim do Instituto, Nº 148 (2003), p. 20-24.

- A escola tem a possibilidade de posicionar-se com relação a uma sociedade fechada, por vezes fanática, criando um espaço de liberdade onde os cristãos (católicos e ortodoxos), muçulmanos e judeus possam vivenciar a convivência harmoniosa e aprofundar suas respectivas riquezas.
- Estimular os cristãos no sentido de assumirem responsabilidades na sociedade, colaborando solidariamente com as outras comunidades, mantendo-se, todavia, fiéis à sua própria cultura e tradições, acerca de valores como a interioridade, o dom de si, o trabalho gratuito, a justiça, o respeito aos direitos de todas as pessoas, a atenção aos mais pequenos, aos pobres, aos casos difíceis. A minoria pode perceber-se como fermento na massa!
- Pôr em prática um entendimento efetivo com os cristãos ortodoxos (majoritários na Igreja), e estimular um melhor conhecimento do islã, da tradição judaica e de seus ritos.
- Animar uma inculturação dos cristãos no contexto árabe (língua e cultura), para chegar a vivenciar uma abertura maior, descobrir o patrimônio cultural cristão em língua árabe, conquistar um lugar no cenário público.
- Criar convicções sólidas nos educadores, de onde a importância de um Centro de Formação Lassalista para educadores, cristãos e muçulmanos.

2.3.2 Na Turquia: uma efervescência de culturas ²⁸

De acordo com o Irmão *Ange Michel*, as realidades multiculturais e multirreligiosas, na Turquia, colocam os Irmãos e seus sucessores e colaboradores em situações e tarefas delicadas. A sociedade turca é muito complexa. Não causa surpresa que certos problemas se reflitam nas escolas. Para nossos estabelecimentos, pelo fato de serem bilíngües (turco e francês) surgem problemas: Conhecimento insuficiente da língua francesa por parte dos alunos, dos professores, dos responsáveis. Conseqüentemente, dificuldade para formar equipes de professores culturalmente uniformes. Acontece que certos diretores adjuntos, não sabendo francês, têm que aplicar-se o máximo para obter informações por vias reticentes. Alguns deles até mesmo não hesitam em aceitar presentes para favorecer a alunos quanto aos resultados escolares.

Economicamente e socialmente a maioria dos alunos pertencem à classe média. A discriminação seletiva, na escola se expressa por uma tendência de os mais velhos quererem dominar os mais jovens.

Pedagogicamente existe um conflito entre duas culturas de aprendizagem. A tradição turca favorece a memorização, ao passo que a pedagogia francesa apela à explicação e à compreensão. Assim, os alunos têm que adaptar-se a exigências divergentes.

As circunstâncias exteriores tampouco são indiferentes. Campanhas publicitárias de imprensa, orquestradas por algumas tendências, de tempo em tempo denigram os missionários que sejam religiosos latinos. É também verdade que as Testemunhas de Jeová, entre outros, muito

²⁸ De acordo com uma estimativa de 2005, a Turquia tem uma população de 69.660.559 habitantes, e uma taxa de crescimento de 1,09%. A maioria da população turca (cerca de 80%) é etnicamente turca e fala a língua turca, único idioma oficial do país. A minoria mais significativa do país é a dos curdos, que constitui até 29% do total de habitantes, (incluindo neles grupos como os zazas), e que ocupam principalmente o leste no Curdistão e em algumas das principais cidades turcas. Outras minorias menos numerosas incluem os levantinos, sírios, árabes, lazés, gregos e armênios. Nominalmente, em torno de 98% da população é muçulmana. A maioria pertence ao ramo sunita do islã, mas um número significativo são muçulmanos alevitas, um ramo aparentado com os xiitas. Encontram-se também minorias exíguas de ortodoxos gregos e armênios (gregorianos), judeus, católicos romanos, e cristãos protestantes. A Turquia é o único país muçulmano que incluiu a laicidade na sua constituição e a está pondo em prática. Todos têm liberdade de religião e de crença. Ninguém pode ser forçado a participar de cerimônias ou de ritos religiosos, e ninguém pode incorrer em censura por razões de suas crenças.

ativos, são regularmente reprimidos. A Constituição reconhece o proselitismo religioso, mas a sociedade o tolera unicamente para os muçulmanos sunitas. A laicidade, assim como é proclamada oficialmente, conhece repercussões muito restritivas. A história de um aparelho para fabricar hóstias, que ficou bloqueado durante muito tempo na alfândega e provavelmente enviado de volta ao expedidor, assustou muito a comunidade latina de Estambul. Mas, em compensação, os recém-chegados se emocionam ao sentir a diligência para prestar-lhes ajuda na escola, ou para livrá-los de situações de dificuldade quando, na cidade, parecem confusos ou vexados.

A identidade cristã e lassalista na ausência dos Irmãos

Sobre um total de 683 alunos, na Escola São José, por exemplo, somente onze são cristãos, mas nenhum católico. Falar do Evangelho está fora de cogitação. Mas é possível dar o testemunho religioso! Com uma presença cristã tão minoritária, será que a escola pode ser reconhecida como de orientação cristã?

A escolha dos professores é muito importante. Não se pede que sejam oriundos da rede lassalista, mas que aceitem o projeto lassalista, e cooperem nele tanto quanto estiver a seu alcance. Desde há alguns anos, a proposta lassalista está sendo apresentada e explicada às equipes de professores, aos alunos e aos pais dos alunos. Por meio de múltiplos cursos e etapas de formação pedagógica, nossos diretores leigos e a maioria dos educadores, turcos só turcófonos ou bilíngües, turco e francês, já adentraram e conhecem bem a dinâmica de um relacionamento apropriado com os alunos; assim, a característica própria do estabelecimento está sendo reconhecida.

A inspiração cristã é manifestada por meio de atividades apropriadas. Gradativamente, ações específicas têm contribuído para que a escola não seja percebida como um estabelecimento “leigo”: ajudar os alunos a assumirem mais responsabilmente os estudos, e orientá-los para ações sociais concretas de mútua ajuda; a construção de uma escola primária, em 1999 destruída em consequência de um terremoto; a acolhida de meninos de rua em encontros esportivos mensais; a iniciação de meninas do leste do país no uso do computador, acolhidas em Estambul; cada sala de aula se responsabilizando pelo pagamento das mensalidades de dois alunos pobres de uma escola no bairro...

Uma bem provida biblioteca escolar e centro de documentação, estimula a curiosidade para estar bem informado. Esforços sistemáticos para melhorar a disciplina, punir com justiça os abusos, introduzir o respeito mútuo entre os professores e os alunos estão criando um clima melhor. Também o ensino da atenção e da consideração que devem ser prestados aos pobres têm levado os alunos concluintes, por ocasião de receberem seus diplomas e se despedirem da escola, a substituir um tradicional baile de gala num dos hotéis mais caros por um encontro mais modesto, de custo menor, para permitir a todas as famílias participarem da despedida festiva da escola.

Para a área religiosa, selecionamos um professor muçulmano sunita para ministrar cursos de cultura religiosa. Os alunos cristãos, muitas vezes optam por seguir esses cursos. Eles sempre obtêm notas excelentes, facilitando assim a promoção de uma classe para a seguinte. Os alunos, entre si, não falam de religião, pelo que eu sei. Os israelitas somam pelo menos uma vintena. Não estamos a par de nenhuma dissensão por motivos religiosos entre os alunos, malgrado a massa de muçulmanos, por sua vez, ser multirreligiosa.

Hoje, não há mais nenhum Irmão em qualquer um dos nossos três estabelecimentos de ensino na Turquia. A tradição lassalista é conhecida por aquilo que dela pode referir o diretor,

pelas visitas dos superiores a que se dá certa importância nas assembleias escolares, pela história dos colégios, já parcialmente escrita. O Evangelho nunca é citado, mas os pais e os alunos sabem muito bem que os fundadores e os proprietários dos colégios são religiosos católicos.

Os antigos alunos, e pais de alunos, muitas vezes fazem referências às suas lembranças sobre o ensino e a pedagogia dos Irmãos: dizem que eram exigentes quanto à disciplina, o trabalho e o bom espírito; realizavam freqüentes testes dos conhecimentos, estavam atentos a cada um dos alunos, e sabiam dar gratuitamente algo do seu tempo para ajudá-los nas dificuldades. Conheceram muito bem a cada um dos seus alunos.

E hoje, mesmo que as modalidades sejam outras, os diretores e o conjunto das equipes docentes, se esforçam realmente e levam exitosamente a bom termo os mesmos objetivos, num mundo que evoluiu sensivelmente. O quê é que atrai o público? As motivações são a disciplina, a seriedade nos estudos, a abertura a atividades culturais, sociais, artísticas, esportivas. Sem dúvida alguma, a pedagogia de grupo tem um impacto muito forte. Um ideal de vida fraterna, de justiça, de abertura aos outros, bem como o êxito no acesso a universidades de prestígio, atraem a muitos pais. Os diretores e os inspetores dedicam um longo tempo à administração e aos encontros dos pais dos alunos, tanto em grupos como individualmente.

2.3.3 A Universidade de Belém: um Lugar Simbólico

A Universidade de Belém, com certeza, é outro referencial de valor referente à inserção dos Irmãos em ambientes multirreligiosos e multiculturais.²⁹ O Irmão *Peter Iorlano* relata como os Irmãos e seus colaboradores de variadas confissões estão criando uma cultura lassalista numa ambiência acadêmica francamente inter-cultural e inter-religiosa.

A dimensão multicultural e multirreligiosa da Universidade

A Universidade de Belém, na Terra Santa, é a única instituição católica de ensino superior. Ela é estimada como uma das melhores universidades da Palestina.³⁰ Originariamente ela foi criada para servir à comunidade cristã na Terra Santa. A Universidade foi idealizada conforme o padrão americano (ocidental) de ensino superior, implantada numa cultura árabe (oriental) e numa população particularmente diversificada, típica da sociedade palestinese. Progressivamente, o número de cristãos ali foi decrescendo, sobretudo devido à emigração de cristãos, fatigados da situação política e sócio-econômica, e bastante rapidamente os muçulmanos vieram instalar-se ali. A ocupação pelos israelenses constitui uma dimensão importante da situação sócio-política e da complexidade cultural e religiosa. A evolução histórica da fé dos judeus, cristãos e muçulmanos se orientou para uma ideologia cuja agenda política influencia a prática de cada tradição e, algumas vezes, faz surgir minorias extremistas, uma fonte de tensões e violências.

²⁹ Para uma nota histórica e os efetivos de estudantes, cf. *L'enseignement supérieur dans notre Institut*, Boletim do Instituto, Nº 236 (1992), pág. 65.

³⁰ De acordo com uma sondagem feita pelo *Bureau* de Estatísticas da Autoridade Palestina (31.12.2003), o número de palestinos no mundo chega ser de 8,7 milhões, dos quais 3,7 milhões no lado ocidental, na Faixa de Gaza. O número total se elevaria a 9,7 milhões se forem incluídos os cidadãos israelenses de origem árabe. A sondagem descobriu que 4,6 milhões de palestinos e de árabes israelenses residiam nos Territórios Ocupados e em Israel no final do ano de 2002, contra 5,1 milhões de judeus. As projeções demográficas israelenses e palestinas constantemente fazem prever que os judeus serão minoria na Margem Ocidental, em Gaza e em Israel, daqui a um pouco mais de dez anos. A sondagem prevê que até o ano de 2020, os judeus serão em número de 6,4 milhões (ou seja 44,4%) contra 8,2 milhões de palestinos.

Atualmente o corpo discente é composto de dois terços de muçulmanos e um terço de cristãos. A maioria dos estudantes cristãos são ortodoxos (gregos ou sírios). Os outros são católicos romanos, ou gregos. Há também um pequeno número de armênios e alguns cristãos protestantes. Dois terços dos estudantes são mulheres. Os estudantes são oriundos de diferentes localidades: campos de refugiados, *kibutzes* (comunidades rurais): a população, na maioria, muçulmana. Outros provêm da municipalidade de Belém, que é 50% cristã. Os estudantes vindos de Jerusalém compreendem uma população mista de israelitas, árabes, judeus, muçulmanos e cristãos.

O corpo docente e a administração da Universidade, por sua vez, compreende dois terços de cristãos, e apenas um terço de muçulmanos. A maioria dos professores são palestinos. Uma minoria de professores e dos membros da administração de mais idade são expatriados. O maior número de Irmãos das Escolas Cristãs que ali atuam, procedem dos Estados Unidos, da Inglaterra e da Irlanda. Um terço dos professores e do pessoal da administração foram formados em alguma instituição lassalista. Dentre eles, contam-se 42 que obtiveram seus diplomas na própria Universidade de Belém. Onze Irmãos e vários outros membros freqüentaram escolas secundárias dos Irmãos. Isto tem sua importância e sua valia, porque pessoas que freqüentaram instituições de ensino dos Irmãos, obviamente devem estar mais a par da cultura lassalista, por experiência pessoal.

Intervenções frutuosas numa comunidade multirreligiosa

Parece que a Universidade de Belém goza de muito boa reputação na Palestina, bem como em outros setores das comunidades árabes e internacionais. São bem apreciadas, a sensibilidade e a tolerância religiosa, a compreensão mútua; e, devido a isto, percebem-se nela menos desconfiança e preconceitos que na sociedade circundante. Circunstâncias especiais e as estratégicas opções da universidade, certamente são fatores que contribuem na criação de um clima de tolerância. Exemplos seriam: A própria existência da universidade como instituição acadêmica mista, aberta a representantes de todas as religiões (muitos estudantes tiveram um ensino secundário não-misto); a integração de certos cursos estratégicos (como, por exemplo, o estudo das culturas religiosas; o engajamento nas comunidades, e o tema das ciências políticas); a organização administrativa; a atenção prestada à área acadêmica adjacente, e ao ambiente geral.

Há aqueles que julgam que a administração da Universidade se mantém discreta demais quanto à afirmação de sua identidade católica e lassalista. Outros temem que os muçulmanos se sentiriam ofendidos caso a instituição acentuasse muito sua identidade cristã. Alguns aspectos muito materiais, como a capela, estátuas de Jesus e de Maria, erigidas cá e lá pelo campus, ou a presença de freiras, Irmãos e sacerdotes trajando seus hábitos religiosos, não deixam nenhuma dúvida quanto à identidade da Universidade. A vezes veladas comenta-se que muitos pais muçulmanos enviam suas filhas à Universidade, exatamente por causa da qualidade da educação e da garantia de segurança nos estabelecimentos de ensino cristão.

A tradição lassalista é divulgada pela televisão e a mídia escrita. O pessoal administrativo e os professores, especialmente os cristãos, e também os muçulmanos, que anteriormente fizeram seus estudos em estabelecimentos dos Irmãos são mais abertos à cultura lassalista. No que se refere à minha pessoa, neste ano acadêmico, a administração me incumbiu, em período de tempo parcial, da função de coordenador dos Valores Institucionais. Esta função está em pleno desenvolvimento, e concerne à integração da perspectiva lassalista na pastoral do campus, na formação dos professores e na gestão da comunidade estudantil.

A delicada situação da Missão Educativa Lassalista

À luz das circunstâncias, a Missão Educativa pode expressar-se de forma direta ou indireta, mas sempre de maneira discreta, prudente e respeitosa. Pode ser estimulada por uma comunicação atenta e um diálogo permanente entre as diferentes tradições, diálogo sustentado pela sensibilidade lassalista. Ele é reconhecível pelo fato de que o estudante está no coração de nossas preocupações, que a instituição seja bem organizada e administrada, e que a colaboração resulta no desvendar de programas melhores e criativos. Ela também se manifesta por obras de arte lassalista expostas no campus; nos nomes dos prédios e das salas de aula, de acordo com a terminologia própria do Instituto; através do estilo de gestão atento à integração da herança lassalista e seus valores próprios; pelas estruturas organizacionais, (por exemplo, a celebração dos dias de festa próprios do Instituto, a organização de uma reflexão cada semana, ou mesmo cada dia...). A expressão explícita se faz através da explicação do porquê da cultura lassalista da universidade, ou pela organização de programas de formação permanente para os professores, o pessoal administrativo, os estudantes, antigos acadêmicos, e administradores. É importante que as pessoas se tornem conscientes que esses valores não são exclusivamente valores cristãos ou lassalistas, mas que eles se encontram identicamente em outras tradições (por exemplo, a beneficência compassiva é vivenciada pelos cristãos, os judeus, os muçulmanos, os budistas...).

2.4 A Missão Educativa Lassalista numa Ásia Multicultural e Multirreligiosa

2.4.1 Na Índia ³¹

Como o Irmão *Gerald* ressalta, a Missão Educativa Lassalista, na Índia, é multicultural, multilingual, multirreligiosa, e Multicasta. A missão educativa cristã ali é muito questionada. Por quais mediações optamos nós para legitimar a fundação de estabelecimentos, e tornar dignas de crédito as iniciativas de colaboração direta com uma população tão diversificada? O Irmão *Joseph Fernando* menciona:

“A Índia é um país de muitas religiões e de muitas etnias.³² O hinduísmo, com a porcentagem mais elevada de praticantes, por sua própria natureza tem favorecido reflexões teológicas e ritos para seus fiéis. Conseqüentemente, todas as grandes religiões do mundo encontraram o caminho para essa terra de espiritualidade (islamismo, budismo, cristianismo). Além das grandes religiões, existe um grande número de movimentos semi-espirituais que procuram estabelecer-se como “religiosamente neutras”, mesclando conceitos religiosos das maiores religiões, de que se apropriaram”.

³¹ À 0 hora de 1º de março de 2001, a população total da Índia se elevava a 1.027.015.247 pessoas. Assim, a Índia se converteu, nessa data, no segundo país, junto com a China, a transpor o umbral de um bilhão de habitantes. A população do país cresceu na proporção de 21,34% entre os anos de 1991 a 2001. As taxas de repartição por sexo (isto é, o número de mulheres por mil homens) na população passou de 927 em 1991, a 933 no Censo de 2001. O índice de alfabetização é 65,38%. As “previsões sobre a população mundial” das Nações Unidas, publicadas em 24 de fevereiro de 2005, em Nova Iorque, estimam que haverá 1.395 milhões de habitantes na Índia em 2025, e 1.593 milhões em 2050. A China terá uma população de 1.441 milhões em 2025, e 1.392 milhões em 20050.

³² Cerca de 80% dos indianos são hinduístas. O hinduísmo é uma das religiões antigas no mundo; acredita-se que ele se tenha desenvolvido desde há uns 5.000 anos. Aproximadamente 500 anos antes de Cristo, duas outras religiões se desenvolveram na Índia, nominalmente o budismo e o jainismo. Atualmente, talvez 0,5% dos indianos sejam jainistas, e aproximadamente 0,7% budistas. Os indianos que aceitaram a filosofia budista, a difundiram não apenas no sub-continento indiano, mas também nos reinos ao leste e ao sul da Índia. Aproximadamente 2% dos indianos são siques. A religião não-indiana mais difundida é o islamismo. Os muçulmanos constituem cerca de 12% da população indiana. Algo mais de 2% da população são cristãos. Há também zoroastristas que, malgrado constituírem apenas cerca de 0,01% da população, são conhecidos em todo o país. Há também alguns milhares de judeus no país. O judaísmo e o cristianismo, talvez tivessem chegado à Índia antes da Europa.

O Irmão *Arockiados* nos dá esclarecimentos sobre o contexto religioso da Índia:

"A religião (dharma) sempre tem sido uma energia vital na vida do povo indiano. A maioria de nós, mal e mal poderíamos sobreviver sem ela. Por isso, não surpreende mencionar que um elevado número de santos e de sábios, bem como de "corporalizações", sempre tenham dominado todos os ambientes de nossa existência como nação. Esses homens não apenas orientaram a vida religiosa, social e política de seus dias, mas exerceram uma influência duradoura sobre as gerações seguintes, por suas vidas e seus trabalhos, que nos são disponíveis através de livros religiosos, literatura profana, mitos e lendas.

Da maneira mais singela, determinados **objetos naturais** são selecionados como coisas mediante as quais os poderes divinos podem atuar sobre as vidas humanas. Muitas vezes, esses objetos são rochas, árvores, mananciais de água, que o povo acredita terem poderes ou significados religiosos especiais. Muitas vezes, isolam as áreas em torno desses objetos, como sendo santuários ou lugares sagrados. Por vezes, chegam a erigir construções, perto desses objetos, para servirem de templos, mesquitas ou igrejas.

Pessoas de distinção especial são designadas ministros de Deus. Elas podem ser os guardiões dessas coisas sagradas, ou os líderes das orações da comunidade e dos atos de sacrifício. Muitas vezes, gozam de uma posição privilegiada dentro da comunidade, como sacerdotes ou guardiões dos templos.

Em determinadas circunstâncias, todavia, acontece que indivíduos sejam associados a Deus quase contra a vontade deles. As pessoas julgam que tais indivíduos são obrigadas a falar em nome de Deus como profetas ou videntes. São descritos como possuídos e inspirados pelo espírito de Deus. O povo também reconhece a presença de Deus através dos **grandes acontecimentos da natureza**. Acredita que as graves catástrofes naturais: inundações, estiagens, terremotos, e um sem-número de fenômenos deste tipo, são causados por Deus. Pode tratar-se de castigos, ou de demonstrações de clemência.

Existe muito erro e incoerência nestes relacionamentos com o Deus vivo, mas, de uma maneira ou de outra, todos expressam a relação fundamental existente entre as criaturas e o Criador. Mais ainda, eles expressam a relação de amor e de dependência entre Deus e os seres humanos, chamados a serem seus filhos. Brota daí essa espécie de "familiaridade natural", que os indianos reconhecem na fé cristã, quando ouvem dizer "Deus é o vivo, o Ser Eterno na presença do qual toda criatura tem a vida, o movimento e o ser" (At 17, 29). Ele mesmo se revelou de um grande número de maneiras, e os seres humanos, em particular, sempre sentiram sua presença e lhe responderam por meio da adoração. Esse relacionamento vivo entre Deus e o homem é a base de todas as religiões. É por isso que nós respeitamos e honramos as religiões praticadas por toda a humanidade, na sua grande variedade, como sendo atividades pelas quais os povos respondem à presença de Deus no meio deles

O efeito da globalização

Os tempos mudaram. As forças que engendram a história e o destino dos povos modificaram consideravelmente as situações, os contextos e a filosofia das pessoas. Os mentes conservadoras fizeram surgir a intolerância e a estreiteza de vistas; a instabilidade política os obrigou a se refugiarem no pelourinho de um credo e de emoções, enquanto a insegurança social os forçou a procurar segurança nas novas formas de comunitarismo que se manifesta claramente em todas as grandes e nas pequenas religiões e comunidades religiosas do mundo. A força vital

é ainda vital, mas vital com suas forças demoníacas de divisão, de ódio e de terrorismo, o que aumenta a miséria e a angústia de milhões de pessoas, em nome da religião ou da religiosidade.

O conceito de “**pluralismo religioso**” é o novo *slogan* da situação do mundo no final do século XX. Ele nos lembra não somente a pluralidade das crenças, costumes e tradições religiosas, mas expressa com exatidão a situação dos homens do mundo atual. O termo “secular”, e as idéias associadas com ele, é, muitas vezes, confundido com anti-crença, anti-religioso, anti-tradição. No plano dos valores no contexto político-social da Índia moderna, “secular” significa uma atitude de indiferença ou de neutralidade ou não-interferência em qualquer assunto concernente à religião.

No nosso contexto, ali onde todas as grandes religiões do mundo são seriamente praticadas, ao mesmo tempo que a presença efetiva de religiões menores e de práticas tradicionais, o ideal do secularismo de bom grado foi considerado aceitável pela população. Ela o encontrou na expressão moderna de seu muito velho querido ideal de **tolerância, aceitação mútua, e não-interferência na lei do dharma**. A pluralidade de *Pantha* (meios), de *marga* (caminhos), de *mala* (pontos de vista), de *sampradaya* (seitas), na Índia, desde tempos imemoriais, sempre foi aceita em todas as atividades humanas, inclusive religiosas. Unicamente temos que reviver o espírito de todos esses princípios. A maioria das religiões nos enriquecem nos seguintes elementos:

1. As crenças da comunidade a respeito de Deus;
2. As crenças da comunidade a respeito do relacionamento com o mundo;
3. As modalidades como as pessoas da comunidade prestam culto a Deus e oram;
4. As normas a que a comunidade obedece em razão de suas crenças em Deus;
5. Os lugares e as pessoas que a comunidade acredita serem sagrados, e de maneira especial pertencem a Deus.

A inserção dos Irmãos

O Irmão *Joseph Fernando* relata:

A missão dos Irmãos, na Índia, se desenvolve nesse complexo cenário multirreligioso. A clientela da nossa missão inclui pessoas de mentalidades religiosas que vão de ateus/humanistas a ortodoxos/fanáticos. As opiniões religiosas predominantes fora do campo escolar têm um impacto considerável sobre a missão nas salas de aula. O quadro organizado e estruturado dos cristãos se confronta com as aspirações espirituais flexíveis e altamente independentes dos hindus (que constituem a maioria da nossa clientela) e com o rigor religioso dos muçulmanos fundamentalistas.

De acordo com o Irmão *Gerald*, a missão dos Irmãos enfrenta a resistência de certas organizações religiosas fanáticas que constantemente os espiam com o objetivo de acusá-los de proselitismo. Não têm a liberdade de organizar eucaristias e de orar na sua maneira tradicional. Além disto, o governo impõe restrições que não deixam dúvidas acerca de intenções subentendidas. Eis por que em todos os seus relatórios, nos programas de formação propostos, na maneira de organizar os exames, os Irmãos são extremamente vigilantes para não ofender as sensibilidades sociais (o sistema de castas, por exemplo), culturais e religiosas. Quando organizam programas para toda a Delegação, devem levar em conta que se estão dirigindo a três grupos culturais e lingüísticos diferentes. E, sobretudo, cuidam que em suas instituições não existam denominações ou interações referentes às diferenças de castas, de religião ou de língua. As pessoas sabem muito bem que para os lassalistas, todas as pessoas têm igual valor. Nesta perspectiva, insistem também sobre a importância de permanecer próximo dos pobres.

Os Irmãos sentem-se enriquecidos por essa situação. Compreenderam que era preciso criar novos métodos de educação, integrando a grande diversidade, para serem fiéis à missão lassalista. Aprenderam a trabalhar sem preconceitos e de maneira desinteressada, a serviço de todos. Estão conscientes de que sua atividade principal é constituída por múltiplos fatores aparentemente simples, mas muito eficazes e essenciais quanto à sua autêntica identidade lassalista.

Os Irmãos *Antony Arulsamy* e *Joseph Fernando* insistem sobre a importância do diálogo entre as diferentes religiões, entre o hinduísmo e o islamismo em particular. Para estimular a verdadeira compreensão entre os partidários das diferentes religiões, as iniciativas devem incluir Sessões de Oração multirreligiosa, a participação em celebrações de festividades religiosas importantes, e de diálogos inter-religiosos, a leitura de todas as Sagradas Escrituras, por rodízio, nas instituições. O Irmão *Joseph Fernando* se denota preocupado acerca de alguns riscos que podem ser corridos: os perigos que entravam essas iniciativas são a insistência sobre alguns enfoques diferentes, coação para participar em celebrações ou rituais de outras religiões. A participação inter-religiosa é uma ocorrência jubilosa, que supõe um ritmo lento e regular, mas que efetivamente exige um certo tempo. Aos alunos deve ser dado um espaço suficiente de tempo para reflexão.

Enquanto aos alunos católicos se explica a doutrina cristã, aos alunos de outras profissões é dada a oportunidade de se aprofundarem na fé de suas respectivas religiões. A expressão de um respeito básico às crenças de outros é definida como comportamento social, de bons modos. A missão lassalista deve estar aberta a um duplo enfoque. Primeiro, deve visar a que os jovens apreciem sua própria ética religiosa, transmitida e nutrida por suas famílias e a sociedade. Segundo, a missão deve esmerar-se para facilitar a harmonia social (mais especialmente a harmonia religiosa) na comunidade educativa. Isto somente pode ser feito quando os alunos são ajudados para compreender percepções e expressões diferentes. O Irmão *Arokiadoss* acrescenta: *“Chegou a hora de todos elaborarmos uma política nacional/institucional de educação religiosa nas escolas e nas universidades. É imperativo agora, mais do que no passado, que exista um curso sobre as religiões deste sub-continente em nosso currículo em nível escolar comum, e um curso completo, em nível de licenciatura, ou superior....”*

2.4.2 No Paquistão

A situação no Paquistão é bem diferente daquela da Índia. A cultura islâmica e a religião criaram ali um contexto mais complexo para os missionários-educadores ocidentais que vão ali para trabalhar, ou outros cristãos que desejam integrar-se ali como testemunhas. O Irmão *Lawrence* avalia o impacto da presença dos Irmãos no Paquistão.

A inserção dos Irmãos ³³

De acordo com fontes do Governo Paquistanes, quase todos os 139 milhões de cidadãos paquistaneses são muçulmanos. ³⁴ Deste total 77% são muçulmanos sunitas; 20% muçulmanos

³³ Cf. *Bulletin de l'Institut*, N° 240 (1994) págs. 27-29; N° 243 (1997) págs. 36-42

³⁴ Em 1990, um tribunal religioso estatuiu que a pena devida a crimes cometidos contra a lei “Secção 295-C da Constituição do país” é a execução. A lei tem este teor: *“Todo aquele que com palavras, pronunciadas ou escritas, ou por representação visível, ou por imputação, sugestão ou insinuação, direta ou indiretamente aviltar o sagrado nome do santo profeta Maomé...será punido de morte, e é obrigado a uma multa”*. Esta lei, no Paquistão visa a discriminar minorias religiosas, principalmente os cristãos e os ahmadis. Sob a lei atual, um muçulmano pode impunemente blasfemar contra o cristianismo. Mas um cristão que fizer o mesmo contra o islamismo, teoricamente pode ser executado.

Shi'a; 1,5% cristãos, e 1,5% ahmadis, hindus, zikris, seguidores de outras crenças, ou pessoas sem religião organizada.

Em sua condição de parte da minoria cristã, os Irmãos tiveram que criar para si formas de inserção na sociedade paquistanense, para ao mesmo tempo se manterem fiéis ao carisma lassalista e bastante próximos da realidade social. A educação escolar se presta para isto num contexto não-cristão. Vinculados às escolas secundárias, os Irmãos têm proposto formas de internato para jovens provenientes de povoações isoladas, que não têm acesso às escolas secundárias superiores (Multan), para os filhos de famílias separadas ou para órfãos (Karachi), ou simplesmente para facilitar aos alunos a assiduidade nas escolas dos Irmãos (Khushpur, Faisalabad). Os Irmãos estão dirigindo o Centro de Formação de Catequistas de Khushpur desde há 42 anos. Esse centro provê catequistas para todas as dioceses do Paquistão. Seus serviços são inestimáveis. Anexos a esse centro funcionam uma escola de culinária, uma auto-escola e um centro literário.

A Prática do Diálogo Inter-religioso

Nenhuma das nossas instituições mantém um diálogo formal com os não-cristãos. Nosso diálogo se concretiza através da ação. Nós ensinamos a nossos alunos a se respeitarem e trabalharem unidos. Nossas instituições são constituídas praticamente por agrupamentos de mesclas de cristãos e de muçulmanos. Isto representa uma excelente oportunidade para ensinar a conviver e trabalhar juntos. Todas as atividades em nossas escolas são exercidas por grupos mistos de cristãos e de muçulmanos. O clima de internato exige que todos trabalhem em harmonia. Não se faz nenhuma diferença entre os dois grupos. O mesmo espírito prevalece nos relacionamentos com os pais e as famílias. Para chegar a isto, as escolas concedem descontos nas contribuições escolares, para os pobres, sejam eles cristãos ou muçulmanos. Agindo assim, estimulamos não somente a tolerância, mas também a acolhida, a amizade e a igualdade. O espírito da reflexão da manhã é um espírito de união das famílias. Implicitamente se entende que todos procuramos promover a unidade e a compreensão. Na realidade, os professores muçulmanos se sentem ufanos por serem tratados e tidos como lassalistas, e por integrarem a família lassalista.

Limitações do diálogo inter-religioso

O que nos parece muito estranho, é o fato de podermos estar juntos para variados objetivos – encontros, debates, festas, jogos, e até mesmo para rezar, na escola – mas não ousamos freqüentar seus locais de culto para ali rezar junto com eles. Como é que, salvo algumas exceções, não possamos reunir-nos em nossos locais de culto? Estes seriam os únicos locais onde poderíamos promover a harmonia. Nós não vamos à mesquita deles, e eles não vêm a nossa igreja.

Um dos pomos da discórdia provém do fato de que os muçulmanos aceitam Cristo como profeta, e nós não aceitamos Maomé como tal !!! Pessoalmente penso que deveríamos considerá-lo profeta, no sentido de mestre/animador. Ele foi um animador religioso, capaz de congregar o seu povo, e suprimiu muitas práticas más de seu tempo. Nós acreditamos que ele sinceramente tentou conduzir seu povo para o bem. Eu acredito que nós não somos suficientemente abertos para aceitar isto.

O fato de nós pertencermos ao mundo ocidental é um grave inconveniente. Um país ocidental é um país cristão, na mente dos muçulmanos. Quando os americanos ocuparam o Iraque, a maioria do povo daqui deduziram espontaneamente que os cristãos queriam dominar os muçulmanos. Conseqüentemente, os cristãos foram atacados, e alguns mortos, por ocasião de vários incidentes. A atitude dos países ocidentais com relação aos muçulmanos não nos parece positiva.

Foi isto que criou um dilema para os cristãos daqui. Nossa incapacidade legal de ensinar a numerosos cidadãos analfabetos daqui, é um grande revés. O extremismo está amplamente difundido entre os analfabetos. Como proceder para poder chegar-nos a eles? Eis ali uma pergunta que precisa de uma resposta.

A proclamação do Evangelho numa sociedade não-cristã

No contexto paquistanês não pensamos nem ousamos proclamar o Evangelho assim como procedemos numa sociedade cristã, exceto na comunidade cristã daqui. Os únicos momentos em que podemos conseguir que os muçulmanos ouçam algo da Sagrada Escritura, é quando acontece alguma celebração, que sempre deve iniciar com a leitura das Escrituras, tanto muçulmanas como cristãs. Deste modo, as duas comunidades têm oportunidade igual de escutar os dois livros sagrados: a Bíblia e o Alcorão. Mas, somente promovemos os valores humanos. Existem no Alcorão bons valores religiosos, que nós inculcamos aos muçulmanos. É preciso que nos façamos esta pergunta muito importante: Quem é verdadeiramente cristão? Aquele que foi batizado e ostenta a “etiqueta” de cristão, ou aquele que possui o espírito cristão? Se aceitarmos que o espírito cristão é mais importante, então podemos ter a certeza de que há muitos muçulmanos que são “cristãos”, ainda que estejam etiquetados de “muçulmanos”. Em outros termos, a revelação divina não vem unicamente pelas escrituras cristãs. Outros livros santos são meios igualmente válidos da revelação. Obviamente, concedemos um lugar especial à Bíblia.

2.4.3 A Tailândia

A etnia *taï*, que forma os três quartos da população, domina o povo tailandês.³⁵ Há também uma grande comunidade étnica chinesa, que, historicamente, desempenhou uma função desproporcionalmente significativa na economia. Outros grupos étnicos incluem malásios no Sul, e várias tribos indígenas nas regiões mais altas. O Budismo da confissão *theravada* é a religião principal do país, sendo que 94% da população adere a ele. Cerca de 4% são muçulmanos, 0,5% cristãos, e o restante são hindus, siks, e outras religiões. Nos seus programas, as escolas ensinam a doutrina e a moral budista, exceto nas áreas muçulmanas do Sul. A língua *taï* é o idioma nacional da Tailândia, escrita no próprio alfabeto *taï*, mas existem muitos dialetos étnicos e regionais, e o inglês é habitualmente ensinado nas escolas.

Entrando no Reino Inter-religioso

O Irmão *Victor Gil* nos explica até que ponto sua experiência pessoal de deixar a pátria e a por si evidente cultura católica marcou seu subsequente envolvimento na cultura *taï* e na espiritualidade budista. Toda a sua vida é uma demonstração de esforço constante para relacionar a espiritualidade mística dos santos espanhóis e franceses, com as tradições budistas.

Como criança, num pequeno povoado de Castela, nos anos cinqüentas, minha vida não foi diferente daquela da Idade Média, com uma única cultura, vivida num contexto de cristandade. Mas, as atitudes anti-clericais de certos setores espanhóis se haviam tornado evidentes, desde havia alguns anos antes. Durante minha permanência no Juvenato, ainda que as práticas tivessem sido uniformes, já coexistiam muitas experiências, pelo fato de muitos formandos procederem de diferentes regiões da Espanha e mesmo de outros países (em *Saint-Maurice l'Exile*, procedíamos de treze países diferentes, e o mesmo se deu no Noviciado de *Bordighera*). Após um crescimento na cultura espanhola durante quatorze anos, vivi quatro anos de cultura francesa, na França, e

³⁵ População da Tailândia: 64.265.276.

logo dois anos de cultura inglesa, na Inglaterra, e, por último, toda uma vida de cultura *tai*, na Tailândia. Aprender as línguas e a história desses países, assim como eram ensinadas aos alunos, me proporcionaram um compêndio da realidade das diferentes culturas, com suas variedades, suas riquezas, suas insuficiências e preconceitos. Os heróis de alguns países vêm a ser os vilões de outros. O diálogo inter-cultural tem que andar ainda um longo caminho para ser objetivo e científico, especialmente no que se refere à história. Uma grande porção da cultura de um país não passa de pura propaganda!

Diálogo inter-religioso

Meu primeiro contato com outras religiões se deu em 1964, quando cheguei para a Tailândia. Fiquei fascinado pelos ensinamentos do budismo. Não podia evitar de me fascinar pelas muitas semelhanças entre os ensinamentos do nosso santo Fundador e os do budismo: pureza do coração, recolhimento do espírito ou da mente, controle dos sentidos, separação do mundo, importância da meditação... Estes foram alguns dos aspectos que contribuíram para minha melhor compreensão dos ensinamentos do nosso Fundador, e me levaram a ter muita consideração pelo budismo.

Estudei e pratiquei durante algum tempo a meditação transcendental (do hinduísmo), mas acabei estimando mais o método e a teoria da meditação budista. As duas contribuíram para uma melhor compreensão e prática do método de oração mental e dos ensinamentos de São João da Cruz e de Santa Teresa de Ávila.

Passei milhares de horas colaborando na tradução para o idioma *tai* dos oito livros clássicos de Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz. Senti que o vocabulário católico *tai* para a espiritualidade é muito limitado, porque procurava a todo custo evitar o emprego de termos budistas. Foi somente quando chegamos a entender que alguns ensinamentos que encontramos no budismo e em São João da Cruz têm uma origem comum no hinduísmo primitivo, e que um grande número de termos comuns ao budismo podem ser aceitos no discurso *tai* católico.

Descobri que São João da Cruz é o melhor interlocutor com o budismo. Foi este o motivo por que passei um tempo tão longo para fazer a tradução e apresentar seu ensinamento. Sua doutrina do silêncio interior e de pureza do coração são também o cerne do budismo.

Atualmente, meu diálogo pessoal com as religiões orientais concernem à noção de Deus. Abandonar a idéia de um Deus-Pai pessoal (com todas as suas antropomorfoses) para aquela de um Deus não-pessoal, será que é um progresso ou será uma regressão na vida espiritual?

Diálogo vivo

Quando se vive num país onde uma grande maioria é budista, é preciso praticar todos os dias um diálogo inter-religioso. Nossas escolas são espaços onde o discurso oficial só encontra seu lugar no nível prático, e não no teórico. As situações na escola (como a do diretor) não dependem do fato de pertencer a esta ou aquela religião (dois dos três atuais diretores das nossas escolas são budistas). Os professores católicos não são tratados de maneira diferente, mesmo que, por vezes, anseiem por alguns privilégios especiais, pelo fato de serem católicos numa escola católica. Contudo, outorgamos algumas facilidades especiais aos alunos católicos e aos professores católicos para serem aceitos em nossas escolas.

Os casamentos, enterros, dias santos... são ocasiões para a prática de um diálogo inter-religioso vivo. Nós vamos às celebrações deles, e eles vêm às nossas. A paz e a colaboração entre as religiões são consideradas mais importantes que um proselitismo agressivo.

Eu sinto, porém, que muitos dirigentes católicos (religiosos, sacerdotes, e leigos) se mostram confusos acerca da necessidade de anunciar publicamente Jesus Cristo. Dão a impressão que julgam não haver necessidade de proclamar o Cristo, uma vez que todas as religiões ajudam a formar bons cidadãos. Chego a perguntar-me, por vezes, se uma proclamação mais positiva de Cristo, não seria uma opção preferível a uma simples oração silenciosa. Vários desses dirigentes declaram que a conveniência de proclamar Cristo é facultativa, uma vez que todas as religiões conduzem as pessoas ao céu; logo, não há necessidade de anunciá-lo. - O quê diriam os apóstolos? - Há alguns anos, escrevi um artigo concernente ao progresso espiritual, para ser publicado em *Lasalliana*, comparando a doutrina de um filósofo budista contemporâneo, com o que nosso santo Fundador diz quanto à possibilidade de ver todas as coisas com os olhos da carne, os olhos da razão e os olhos da fé. Estes três níveis são considerados como etapas no crescimento da vida espiritual, por ambos estes autores.

O Concílio Vaticano II tentou reavivar a doutrina católica e entabular diálogo com a ciência e a cultura profana. Esse reviver do catolicismo teve seu reflexo em algumas das principais religiões orientais que, anteriormente, não denotavam muita vitalidade, mas que, recentemente deram provas de um surpreendente vigor, e retomaram mais confiança em si mesmas.

O secularismo está avançando no Oriente. Mas não é esse secularismo anti-cristão agressivo que estamos vendo na Europa. No Oriente, é mais um tipo de positivismo prático, que está invadindo todas as esferas da vida. De qualquer modo, o valor da religião sempre continua sendo reconhecido, mesmo que alguns aspectos da prática religiosa contemporânea sejam objeto de críticas, o que não parece ser o caso do secularismo europeu. As religiões não são inimigas umas das outras, havendo a necessidade do poder de dissuasão do secularismo, que é o inimigo mais poderoso de todas as religiões. Eis por que a paz entre as religiões e o entendimento mútuo, são tão importantes.

2.4.4 A Malásia

O Irmão *John D’Cruz* declara: na Malásia ³⁶, nossa multi-étnica população compreende: 62% de malásios; 23% de chineses; 7% de indianos, e 7% de outras origens étnicas, incluindo os que não têm cidadania malaia. No referente às religiões, quase todos os malásios são muçulmanos. A maioria dos 23% de chineses são budistas, ou taoístas, ou confucionistas, ou alguma mescla dessas três religiões. Aproximadamente 65% da comunidade indiana é tâmil, e a maioria deles são hinduístas. Os cristãos somam mais ou menos 1,2% da população total, e são sobretudo chineses, indianos ou eurásianos.

A inserção lassalista

Dirigir escolas é a tarefa principal dos Irmãos, e nessas instituições, em geral, nossos alunos estão nas mesmas proporções que a representação nacional mencionada logo acima. Todavia, em certos casos, podem encontrar-se alunos de ascendência chinesa em maior número que os malaios. Acontece o mesmo com as equipes de pessoal.

³⁶ População: 23.092.940.

Em primeiro lugar, a situação não é confortável por vários motivos. Ainda que as 45 escolas nos pertençam em termos de propriedade dos terrenos e/ou dos prédios, mais e mais funcionários do Ministério da Educação administram aquilo que concerne às operações do dia-a-dia: salários, transferências, contratações e destituições de professores...Em tudo somos parte do sistema nacional da educação. Notamos também uma interferência exagerada do governo nas escolas de algumas comunidades religiosas. Temos apenas dois Irmãos no posto de diretores de nossas escolas, e nem sempre é fácil conseguir que um leigo cristão, quanto mais católico, seja nomeado diretor de alguma escola nossa.

Malaió é o idioma oficial, e o islã é a religião oficial da Malásia, e uma certa medida de islamismo, de ponta a ponta, é parte da política educacional. Nós, Irmãos, não temos os recursos que seriam necessários para converter nossas escolas em Escolas Privadas. Nas localidades onde iniciamos com vários Projetos não-formais em favor dos pobres, seria muito raro que recebêssemos assistência do governo, ou que alunos muçulmanos seriam permitidos a frequentá-las.

O impacto da situação sobre a presença dos Irmãos

Em primeiro lugar, o conflito entre a situação política e a religiosa, no país, nos ajudou a despertar a consciência de algumas prioridades no nosso compromisso. Nós queremos promover uma vida espiritual mais personalizada, pondo ênfase na solidão, no silêncio, na meditação, no diálogo entre as diferentes tradições espirituais, e a implicação de tudo isto nos projetos comuns. E nosso comprometimento direto com os pobres merece mais importância que a administração de grandes instituições que outorgam diplomas acadêmicos e preparam para o acesso a carreiras lucrativas.

Outrossim, isto nos capacitou a discernir melhor nossos preconceitos, nossos hábitos de julgamento, nossas falsas generalizações, e nossa carência de abertura aos “outros” diferentes de nós. Julgamos ser os donos da única verdadeira religião. Nossas estratégias sofrem de um proselitismo implícito. Hesitamos em dar crédito a uma contribuição construtiva de pessoas de outras crenças que trabalham conosco. Alguns de nós não confiam em diretores pertencentes a outras religiões. E, ademais, não queremos oferecer ensino de todas as religiões em nossas escolas.

Para melhor nos integrarmos na realidade existente, poderíamos adotar certos posicionamentos estratégicos. Poderíamos negociar com o governo a concessão de mais autonomia em nossas escolas. Adotar mais iniciativas para desenvolver uma pastoral escolar. Uma formação dos professores católicos num espírito lassalista. Controlar mais eficientemente aquilo que podemos assumir com toda a honestidade. Inserir cada vez mais, Irmãos e leigos, nos bairros pobres, e planejar, a título experimental, novos enfoques pedagógicos para atender às suas necessidades de educação.

Tudo isto pressupõe que, ao mesmo tempo, sejamos capazes de distanciar-nos de outras atitudes e modelos de atuação, próprios de um sistema educativo auto-suficiente, hierarquizado, distante do entorno, e com tudo planejado com antecedência.

A pedagogia lassalista enfatiza o diálogo, a simplicidade, a formação de comunidades de aprendizagem, o comprometimento coletivo.

2.4.5 O Japão ³⁷

A situação religiosa do Japão

O Irmão *Jorge Gallardo de Alba* nos rememora que as religiões tradicionais, no Japão, incluem o xintoísmo, o budismo e o confucionismo.

Shinto (O Caminho dos Deuses) é o nome dado às práticas religiosas autóctones do Japão, antes da introdução do budismo. Ele diz respeito aos relacionamentos da humanidade com a natureza, a agricultura, a sociedade. As festas das colheitas são eventos xintoístas. O xintoísmo, ou xintó, também se interessa pelos relacionamentos comunitários; assim, os casamentos, habitualmente, são cerimônias xintoístas. O xintoísmo se interessa muito mais contra a devastação e a favor da moral. É este o motivo por que as oferendas xintós são incruentas, e incluem o vinho de arroz (sakê), bolos ou pastéis de arroz (mochi) e divertimentos como danças e lutas de caráter esportivo. Os locais santos xintoístas se caracterizam por um pórtico de entrada, seja de pedra, madeira ou bronze (torii). Nos santuários, a divindade, habitualmente, é representada por um símbolo, tais como, um espelho...

A riqueza do budismo e suas vinculações com a cultura chinesa lhe ajudou a ganhar o apoio da corte japonesa. O budismo também respondia às necessidades espirituais que o xintoísmo descuidava, tais como as questões de moral e da vida depois da morte. Durante o período Nara ³⁸, a corte apoiou a propagação do budismo, e procurou vincular o governo com a magnificência do budismo institucional. Foi assim que o imperador, que afirmava ser descendente da deusa *Shinto*, também patrocinava a expansão do budismo. Ademais, enquanto *Shinto* cuidava dos assuntos deste mundo (colheitas, relacionamentos sociais, clã dos antepassados), o budismo se concentrava nos problemas éticos e metafísicos. Os casamentos podem ser uma cerimônia xintó, enquanto que o budismo cultiva a moral, os funerais e as questões relativas à vida futura da alma humana.

O confucionismo é uma ética social importada da China. No Japão, o confucionismo tem pouca relevância institucional, mas seus valores influíram fortemente na sociedade japonesa. O confucionismo insiste na necessidade de cada um encontrar seu lugar na grande ordem social, iniciando pela própria família, e ser um membro responsável no meio social a que pertence.

No Japão, a natureza e as estações do ano é que determinam a maneira de pensar e de compreender Deus. E, a maioria dos japoneses não se vêem como “religiosos”, mas participam nos festivais religiosos, tais como as festas xintoístas e budistas. Estas são celebradas no ritmo das estações: os festivais das sementeiras e das colheitas, da lua nova e da lua cheia, da fertilização e da morte. As ocorrências trágicas, como ciclones, terremotos, sismos submarinos... são calamidades que impressionam afetivamente toda a população dessas ilhas. Elas influenciaram as idéias sobre a vida neste mundo e sobre a vida eterna, sobre a permanência e a importância das pessoas e das coisas.

³⁷ A população do Japão, em 2006, deveria ter-se elevado a 127.740.000, e depois entrar num período de declínio. Em 2003, o número de idosos (mais de 65 anos) era de 24,31 milhões de cidadãos, e constituía 19% da população total. A rapidez de envelhecimento da população japonesa é bem superior à dos países ocidentais, e deverá continuar a aumentar rapidamente nos próximos anos, culminando em 20% a partir de 2006.

³⁸ O budismo se espalhou da China para o Japão, desde 518. No ano de 710, a capital do Japão foi transferida para Nara, no Norte. Foi a primeira capital fixa, de 710 a 784.

Quando japoneses são questionados sobre suas crenças, eles dão a impressão de se verem embaraçados e confusos para definirem sua pertença a algum sistema religioso formal. Uma resposta típica, com seu lado humorístico, diz que “eles nascem xintoístas, casam cristãos, e morrem budistas”. Isto bem revela a natureza relativa (a insignificância) da questão para muitos japoneses.

Quanto ao número, os cristãos constituem uma minoria quase insignificante: as diferentes igrejas cristãs (443.644, ou seja 0,3% de católicos; 639.000 ou seja 0,5% de protestantes), representam somente 0,8% da população. Mas, apesar de ser uma minoria, no Japão, o cristianismo goza de uma liberdade total para realizar suas atividades de evangelização. As instituições educativas cristãs têm um renome efetivo. Perto de 300.000 jovens, na maioria não-cristãos em todo o país, freqüentam escolas católicas.

Citando estatísticas, os Irmãos têm 2.371 alunos, dos quais 2.347 não manifestam nenhuma afiliação religiosa. Todos contados, há 19 católicos e 5 protestantes. Isto significa que 98,8% se declaram fracamente leigos. É provável, porém, que nenhum deles se identificaria como “ateu”, no sentido literal do termo.

O impacto desta situação sobre os Irmãos

Nossas variadas formas de apostolado se adaptaram ao caráter próprio do país, e nossa atividade educativa, conseqüentemente, teve que transformar-se.

A atitude de nossos alunos em relação à educação em geral, é muito proativa. Dado ao bom renome da educação proporcionada por nossas instituições, os alunos se mostram muito motivados para o estudo. No que diz respeito à educação religiosa, passados os primeiros meses, uma vez superada a novidade dos primeiros contatos com a Bíblia, os jovens manifestam uma como indiferença, todavia, sem rejeitar nem o conteúdo, nem a religião como tal. Nossos colaboradores leigos se esmeram muito em suas tarefas. A dimensão religiosa de seu compromisso diferente daquele dos alunos que lhes são confiados é considerada secundária, até mesmo insignificante.

Os métodos educativos são tradicionais no sentido geral do termo: turmas numerosas, a exposição é sinônimo de aula explicativa, um método rigoroso de avaliação dos conhecimentos, a memorização preferível à experiência. O método de ensino corresponde ao sistema de exame vestibular para a universidade que se aplica em todo o país conforme uma ordem rigorosamente hierárquica. Nossas escolas se integram nele a cada ano de acordo com os resultados do grupo de aprovados. Por outro lado, o professor regente de cada turma assume preferentemente a função de formador, conselheiro e orientador. Tem menos horas de aula para poder ocupar-se melhor das necessidades de seus alunos. O encontro regular e individual com os alunos lhe oferece uma oportunidade privilegiada para uma educação integral.

É dado um destaque especial a cinco valores específicos:

1. “*Guiri*”, ou seja cumprimento de todas as tarefas;
2. Os relacionamentos inter-pessoais baseados no binômio “*senpai-kohai*”, isto é, o respeito pelos mais velhos e o dever de proteger os mais pequenos;
3. “*Dantai*”, ou o senso de grupo;
4. “*Shori*”, ou o bom êxito ou a vitória: o esforço pessoal para desenvolver a idoneidade e atingir a meta;

5. “Haji”, ou a vergonha: estar atento a si mesmo e às suas atividades com o fito de não ser causa para passar vergonha pessoalmente, nem fazer passar vergonha o seu grupo de referência, ou sua família.

Tornar acessível o sentido da missão

Antes mesmo de assumir que a educação lassalista deve abrir-se à realidade de uma situação concreta, no caso do Japão, temos que responder às interrogações e expectativas que os nossos colaboradores leigos nos dirigiram e expuseram, em dezembro de 2004, por ocasião do Capítulo da Delegação. Tudo considerado, qual deve ser a visão, quais os meios, e qual o estilo peculiar da educação lassalista? - Gostaríamos de ver os Irmãos, assim como eles são no meio de nós e com seus alunos, como testemunhas desse mundo invisível (cristão?) que nós percebemos intuitivamente. Poderia ser, então, que antes de fazermos a pergunta: Como “lassalianizar” nossa educação no Japão, teríamos que fazer-nos outras perguntas: O quê veio fazer La Salle aqui no Japão? Por que está ele aqui neste momento?

As marcas específicas que nossas instituições lassalistas deixaram aqui no Japão, com certeza, são a tolerância e o respeito. Malgrado a educação religiosa ser obrigatória, não exercemos nenhuma pressão ou chantagem (emocional ou acadêmica) para “conduzir os jovens para mais perto de Deus”. A fé é um dom de Deus que não se ensina, que certamente não pode ser imposto. Os alunos têm grande consideração por essa liberdade, e, talvez, graças a ela, pode ser possível que algum grupo, por espontânea e livre decisão, manifeste interesse em um ou outro aspecto, em virtude de sua participação em atividades de círculos de formação cristã, ou assistência a missas, que a escola organiza todas as semanas.

A figura de São João Batista de La Salle é um elemento de unificação. Em torno desta pessoa, os professores, os alunos, e sobretudo os antigos alunos se sentem identificados, independentemente da orientação religiosa de uns e de outros.

Em nossos centros, expressões como “a família lassalista”, ou “o espírito lassalista” são de uso freqüente. Mas, no subconsciente da maioria de quantos estiveram em contato conosco, estas expressões representam, antes de tudo, uma inspiração e um convite franco e honesto para concretizar o sonho de uma fraternidade local e universal.

3 CONCLUSÃO: ESTA DOCUMENTAÇÃO LEVA A REFLETIR...

Lendo estes testemunhos de diferentes regiões do mundo, e prestando atenção às afinidades e prioridades peculiares de tantos comprometimentos, saltam à vista uma série de temas. Obviamente, não se trata de uma seleção exaustiva do envolvimento dos Irmãos em ambientes multiculturais e multirreligiosos. Haveria muito mais a dizer. E, com certeza, cada leitor haverá de estruturar e interpretar a seu modo os dados postos à disposição, partindo de situações tão variadas. Esta documentação continua aberta, a meio-caminho entre uma seqüência de tomadas de consciência e de compromissos concretos por um lado, e por outro, para uma reflexão profunda no próprio interior de um Instituto internacional, cada vez mais diversificado em seus padrões de identificação com a inspiração histórica.

São sugeridos cinco temas para servirem de ponto de partida para reflexões mais convergentes com essas contribuições.

3.1 Personalizar o compromisso com relação a um público beneficiado

Já foi ressaltado que circunstanciais bem particularizados e acontecimentos perturbadores levaram certos Irmãos a optarem por outros locais de trabalho, por outro estilo de engajamento, fora dos sendas comuns, mais próximo das necessidades urgentes e das situações críticas vivenciadas por certas categorias de crianças e de jovens. Sua maneira de pensar e de agir é a expressão de um movimento de inovação estimulado pelos Capítulos Gerais desde 1966. Essas iniciativas novas, com freqüência, suscitaram acaloradas discussões: Por que abandonar a escola? Por que ocupar-se com jovens marginalizados, drogados, meninos de rua?... Mais recentemente, *Françoise Gros* e *Francine Vaniscotte* tornaram públicas suas reflexões relativas às iniciativas inovadoras do Instituto: os pobres, em toda a sua variedade, são os “interlocutores” privilegiados para os quais os lassalistas se orientam, com o risco de dispersão de atuações isoladas, ou de um parcelamento de pequenas ações no interior de grandes redes, em detrimento da formação profissional das crianças da classe popular, objetivo histórico e prioritário da atuação pedagógica do Instituto.³⁹

Subjaz, porém, uma dimensão essencial que parece emergir de um bom número dos testemunhos aqui recolhidos. Os autores não tiveram unicamente a preocupação de evitar “a inclusão de seus clientes no meio da classe popular convencional”, de se aproximarem dos pobres e dos desfavorecidos, mas, sobretudo, procurar vivenciar o contato direto com os públicos que correm risco no contexto da sociedade contemporânea. Estão na busca de uma brecha de inserção onde possam viver plenamente a dimensão criativa do ato pedagógico: a formação da pessoa humana, a expansão da dignidade das pessoas, a implicação em cheio com sua sensibilidade pessoal, estreitar os vínculos existenciais e solidários, dar lugar a condições de trabalho e de vida, a fim de promover o desenvolvimento integral tão propalado pela sociedade moderna e pela Igreja.

No fundo, feita a experiência, eles reencontram nela a intuição fundacional de La Salle. As atuais necessidades, próprias de uma sociedade, se estão modificando aceleradamente e exigem que eles façam parte da “primeira geração”. O encontro direto com as pessoas em referência, o risco da inovação, a elaboração pessoal do dispositivo inter-pessoal de um engajamento,

³⁹ Análise de Projetos de 25 Províncias Lassalistas, Relatório final, outubro de 2004. Iniciativas Lassalistas: Rumo a uma nova identidade? Relatório final de uma pesquisa realizada de 2002 a 2004. Textos *pro manuscripto*, Institut National de la Recherche Pédagogique, Paris, e MEL, Roma.

parecem constituir o a-bê-cê do êxito de uma missão. É como se quisessem garantir a verdade e a veracidade do seu comprometimento, a dimensão impessoal de uma grande instituição, e os métodos educacionais clássicos que se tornaram intoleráveis. Não seria isto um convite ao Instituto para estar mais atento aos riscos associados à burocratização da educação nas escolas, à natureza repetitiva, alienante da institucionalização, à estagnação de um carisma na profissionalização impessoal da escola democratizada? Quando, pois, os Irmãos poderão vivenciar o carisma de sua vocação lassalista? Devido à diversidade das situações geopolíticas e aos lugares de inserção, a resposta, hoje, não é tão evidente como era há dois ou três séculos atrás.

3.2 *Deixar-nos transformar pelo outro, mais que procurar transformar o outro*

Salta aos olhos uma segunda tomada de consciência. O encontro com “o outro”, fundamentalmente diferente, situado no outro lado da barreira, inicialmente objeto da educação, converte-se em fator influente. Muitas das nossas testemunhas indicam até que ponto elas foram profundamente impressionadas pela humanidade, a cultura, a sensibilidade religiosa, a plenitude pessoal do outro, diferente. O outro, quer dizer, o pobre, o excluído, o migrante, o refugiado, o muçulmano, o hindu, o palestino, o judeu.. desaloja o educador profissional, o missionário evangelizador, o representante da civilização “superior” do mundo ocidental. Trata-se de uma mudança de perspectiva com relação ao século XVII, onde se supunha que cada um devia permanecer em sua esfera social, porque esta era a vontade divina. Parece que a conscientização sobre a importância do outro, seja qual for sua posição social ou sua origem, inverteu a relação educativa. Evidentemente, já no século XVI, *Bartolomeu de las Casas* se empenhou de corpo e alma na defesa dos direitos humanos elementares dos índios, contra os efeitos devastadores do sistema jurídico e da ideologia colonizadora dos europeus, apoiados pela Igreja católica da época.

Os Irmãos se fizeram aprendizes na escola dos grupos que os interpelaram em sua autoconfiança. Eles foram influenciados e seduzidos pelos contatos com o “outro”, situado fora da clientela habitual das nossas instituições, para reinterpretar o próprio conteúdo de sua solidariedade e dos seus compromissos. Já não se tratava de atribuir a uma vontade divina qualquer, uma categorização social e econômica, fonte de sofrimento, de destruição, de discriminação, de degradação. Todo um sistema de pensamento filosófico do século XIX (o marxismo, por exemplo) e, sobretudo, da segunda metade do século XX (as contribuições de *Emmanuel Levinas*, *Paul Ricoeur*, e tantos outros), progressivamente introduziram uma outra maneira de perceber a alteridade das pessoas, superando a evidente autoridade associada a uma hierarquia social e econômica.

Mais particularmente, o Concílio Vaticano II, as teologias da libertação, uma teologia da igualdade entre mulheres e homens, uma cristologia e uma eclesiologia reformuladas e aprofundadas, inverteram a interpretação da identidade humana e cristã. Cresceu nosso interesse pelo pobre, naturalmente para ajudá-lo a chegar a um padrão mais elevado de vida, mas, muito mais ainda, para nós caminharmos junto com o outro, encontrarmo-nos com ele em sua situação concreta, modificar-nos profundamente como aprendizes/peregrinos. O Instituto se tornou particularmente sensível a essa nova consciência, a partir do grande período de renovação, iniciado em 1966. Foi isso que emergiu como realidade existencial e vivenciada, buscada por um certo número de Irmãos e de colaboradores lassalistas leigos.

Está acontecendo algo semelhante nos relacionamentos com os crentes de outras religiões, os representantes de outras visões da vida ou tradições de erudição e cultura. Estimulados pela internacionalização e a globalização e pelos relatos da mídia, as populações estão saindo de suas reclusões geopolíticas, freqüentando uma multidão de escalas de valores e de tradições re-

ligiosas e filosóficas. A partir do Concílio Vaticano II, a teologia da salvação e da função da Igreja-mediadora foi aprofundada e aberta a novas perspectivas, impensáveis durante o período de exclusividade e de exclusão, em nome de uma obsessão cismática. Hoje, as grandes tradições religiosas encontram-se num outro clima, com a esperança de poder descobrir de outra maneira e juntos, o mistério da presença divina no próprio coração da realidade humana. Os Irmãos, solidários de uma minoria cristã, no meio de uma cultura não-ocidental e de religiões não-cristãs, nos mostram até que ponto uma vida espartana – de desprendimento e de serviço gratuito ao outro – os transforma e os leva a aventurar-se rumo a um encontro de interpelações.

3.3 A posição da cultura ocidental e da religião cristã

A dimensão multicultural e multirreligiosa da missão educativa: estes são termos-chaves para os diferentes autores que colaboraram para este dossiê. Isto, primeiramente, nos remete ao sentido textual da missão educativa. Para esses colaboradores não existe missão abstrata, impessoal, ahistórica, universalmente a mesma em toda parte. Eles falam de um engajamento limitado, situado concretamente, existencial, frágil, suscetível de ser danificado ou destruído no dia-a-dia por circunstâncias contingentes, por outros agentes ou projetos, por determinismos paralisantes.

Aquilo que eles declaram acerca de sua missão, manifestamente se refere a uma estrutura geopolítica. A história, a realidade geográfica, as tradições sociais e culturais, a economia e a política ali se entremesclam e condicionam o delicado equilíbrio entre os diferentes grupos implicados com seus interesses, muitas vezes, conflituosos. Eles tomam sumo cuidado em se posicionar de maneira sensível e delicada, atentos ao que vai acontecendo com os colaboradores, jovens e adultos.

Fica bem claro que o Instituto é de origem ocidental, que seus conceitos antropológicos, seus enfoques pedagógicos e suas estruturas administrativas são coerentes com a cultura ocidental, malgrado os esforços de adaptação e de integração em um ambiente e em maneiras de pensar e de julgar diferentes. Os contatos multiculturais se alteram com o tempo. O domínio de uma cultura em comparação com outras pode ser observado em outros continentes, em outras épocas da história. Hoje, depois da colonização e da evangelização vinda da Europa, em consequência do desenvolvimento do princípio democrático, o multiculturalismo se apresenta de uma maneira nova. A repartição dos Irmãos nos cinco continentes situa este problema no próprio seio do Instituto, e convida a um exame de consciência sem precedentes no passado. Os relatos de Irmãos que trabalham na América Latina, na África, no Oriente Próximo, na Ásia, apresentam dados interessantes para interpelações acerca do que é original em cada cultura, e acerca do enriquecimento que isto representa para o Instituto como um todo. Mas, de maneira especial, eles interpe-lam a presumida hierarquia lidando com os relatos entre culturas e religiões: quer seja o orientalismo ou o ocidentalismo. À luz da experiência, as perguntas pertinentes são feitas no concernente às consequências da imagem que se propaga, tanto da humanidade quanto da religião, do Evangelho em particular.

Aquilo que distingue nossa sociedade contemporânea é a tendência – melhor, o imperativo – de padronizar todas as sociedades e os estados nacionais de acordo com a democracia constitucional. Isto implica que os povos respectivos estejam conscientes do fato de que eles mesmos são os autores das leis que os unem com suas tradições, suas respectivas histórias, seu entorno, a constituição de sua sociedade. A democracia supõe, pois, em princípio, o reconhecimento da diversidade de identidades culturais, de identidades e peculiaridades individuais, minorias tanto como maiorias. A experiência concreta e a política internacional ilustram até que ponto o projeto democrático é extremamente frágil, e que é raro ver uma “democracia verdadeiramente demo-

crática” se concretizar. Muitas vezes, ela padece de tendências contrárias, em virtude de uma interpretação abusiva de igualdade idêntica, quer seja num sentido ideológico, ditatorial, militar, econômico, burocrático ou autocrático...e isto, devido a um não-reconhecimento ou reconhecimento errôneo de certas pessoas ou grupos de pessoas. Com a modernidade, operou-se uma transferência para o sentido reflexivo do reconhecimento: “conhecer-se”, o conhecimento de si, ou, no sentido passivo “ser reconhecido” – o reconhecimento mútuo, e o reconhecimento da responsabilidade. Nos séculos XVII e XVIII, o reconhecimento se referia antes ao conhecimento objetivo: reconhecer uma realidade, identificar um dado objetivo... sendo conhecer um verbo ativo.⁴⁰

A multiculturalidade convida para um diálogo entre pessoas reconhecidas como iguais. Ela se torna possível tanto através de uma política do reconhecimento em nome da dignidade igual de toda pessoa, quanto através de uma política de reconhecimento explícito do caráter único e distintivo de cada identidade. Logo, o que importa, é que todos os seres humanos tenham em comum a potencialidade da humanidade universal.⁴¹ É em nome dessa capacidade que os homens podem reconhecer e integrar a diversidade. É em nome desta tomada de consciência, hoje bem mais universal que no passado,⁴² que a evangelização e a catequese dos povos indígenas da América Latina, dos povos da África e da Ásia são revisadas de maneira crítica, e que o reconhecimento das tradições culturais e históricas ocupa um lugar importante em projetos de colaboração internacional.

Se o reconhecimento das diferentes identidades culturais está nas manchetes na educação bem como nas democracias políticas, o reconhecimento da diversidade das tradições religiosas está tomando um novo rumo na sociedade contemporânea. O reconhecimento das culturas, talvez esteja mais ligado ao processo da modernidade e da democratização das sociedades; os contatos inter-religiosos são mais bem incentivados no contexto da luta pela justiça social.

Neste sentido, os comentários dos Irmãos do Oriente Próximo e da Ásia, onde os cristãos constituem a minoria, mas também dos engajados no meio dos imigrantes na Europa e nos Estados Unidos, comentários referentes ao encontro de cristãos com religiões não cristãs, merecem uma reflexão toda particular.

Pôr os sofrimentos dos outros no cerne da reflexão de hoje, constitui pois um pressuposto para qualquer proclamação da verdade, inclusive das religiões. A Palavra de Deus oficial deveria deixar de lado o discurso monoteísta universal, forte, solidamente estabelecido. Ele desperta dúvidas entre as gerações educadas hoje em dia. A tradição bíblica, pelo contrário, revela uma imagem do Deus monoteísta, empático, fraco e vulnerável: a questão de saber como situar Deus quanto ao sofrimento humano ou do mal, está no seu centro. De acordo com *J. B. Metz*, esse paradigma, com muita razão pode ser o portador de um sentido e de um valor universal, sem o risco de ser arrogante ou totalitário.⁴³

De acordo com *Jacques Dupuis*, somente depois do Vaticano II, a Igreja católica redescobriu progressivamente que o Espírito de Deus está presente na vida religiosa das outras religiões e suas obras, e atua através de tradições delas, da mesma maneira como procede nas igre-

⁴⁰ Paulo Ricoeur, *Parcours de Reconnaissance*, Paris, 2004, págs. 22 ss.

⁴¹ Charles Taylor, *The Politics of Recognition*, in Amy Gutman (Ed.), *Multiculturalism. Examining the Politics of Recognition*, Princeton, New Jersey, 1994, 25-73, aqui pág. 41

⁴² Gustavo Gutiérrez, Las Casas. *In search of the Poor of Jesús Christ*, (Trad. Robert R. Barr), New York, 1993.

⁴³ J. B. Metz. *Im Eingedenken fremden Leids. Zu einer Basis, und Brückenkategorie der christlichen Gotteslehr*, in Schlette, H.R. *Religionskritik in interculturelle und interreligiöser Sicht*, Bonn, 1998, aqui pág. 27-34.

jas cristãs.⁴⁴ No século XXI já se tornou evidente que as religiões do mundo tentam desenvolver uma imagem mas franca e sincera. Nos debates públicos, a “religião”, em suas diversificações, é reconhecida como uma dimensão fundamental da vida dos indivíduos e das sociedades, como um fator essencial da identidade dos povos e das culturas. Hoje se atribui à religião uma função diferente e determinante nos encontros inter-culturais, nos tratados de paz, e nos conflitos locais ou internacionais, e nas negociações de solução de problemas éticos, ainda que, em certos países, a discriminação e a perseguição aos cristãos conduzam a situação críticas.

Para *James W. Heisig*,⁴⁵ o “interesse para estar juntos nunca é um mero discurso sobre a religião, nem uma simples teoria religiosa, mas constitui por si mesmo um ato religioso”. Para evitar que o diálogo inter-religioso venha a ser uma pré-evangelização, *James W. Heisig* aconselha a aplicação de três normas:

1. Praticar a atitude do senso comum do diálogo e da auto-crítica;
2. Sensibilizar-se pela estima da submissão das pessoas à autoridade da Tradição e pelo apego às suas crenças, estando a religião nos limites da razão, e
3. Reconhecer que o diálogo inter-religioso concerne a uma conversão mútua; a evolução de seu próprio sistema simbólico é enriquecido e desafiado pelo de outras crenças.

Isto implica que o *status* concedido às religiões no diálogo inter-religioso é de crucial importância para sua credibilidade fundamental. Em primeiro lugar, de onde procedem os partidários? Para *J. W. Heisig*, “sua primeira fidelidade religiosa pode estar ali onde as crenças religiosas se abrem juntamente com a responsabilidade pelo mundo, e, a segunda fidelidade ao conjunto concreto de símbolos ou revelações dentro dos quais cada um vive e pensa”. Então, a conversão mútua não consiste em mudar para adotar o paraíso religioso do outro, ou fazer uma proclamação comum, mas “uma conversão mediante um diálogo para um tipo de inter-religiosidade, uma ampliação das fidelidades religiosas acima de sua própria afiliação, e o despertar para a necessidade do apoio mútuo para a prática moral”. A prática de um diálogo inter-religioso que visa a uma mudança pessoal dos partidários implicados, não é simplesmente uma questão individual, mas afeta também a estrutura das instituições religiosas.

Estas percepções convidam o Instituto a reconsiderar profundamente os conceitos de “missão”, de evangelização, de educação cristã, devido a seu caráter francamente multiculturalista e multirreligioso. Há razões para esquadrihar de maneira crítica os preconceitos, as atitudes, as estratégias pedagógicas, as de direção e as administrativas, as conotações ideológicas das relações internacionais, com o fim de criar um ambiente e uma cultura novos. O anúncio do 44º Capítulo Geral, de 2007, ao solicitar a ênfase sobre a preparação “interativa”, tenciona estimular uma evolução neste sentido.⁴⁶

3.4 Uma mediação modesta, ou um “lassalianismo” invasor?

Num rápido relançar de olhos sobre as diferentes contribuições para este *dossiê*, é interessante observar as diferentes maneiras como os autores se referem a São João Batista de La Salle e à cultura lassalista.

Quando se trata de iniciativas novas, fora da instituição formalmente reconhecida como “lassalista”, os Irmãos se mostram discretos quanto à referência à sua pertença espiritual. Seu

⁴⁴ J. Dupuis, *Der Interreligiöse Dialog als Herausforderung für die christliche Identität*.

⁴⁵ J. W. Heisig, *Dialogues at One Inch above the Ground*, New York, Herder & Herder, 2003, pág. 128.

⁴⁶ Conselho Geral, Via Aurélia 476, Roma. *Circular N° 453*, 24 de junho de 2005.

engajamento em novas iniciativas, na Europa, num meio pluralista, multicultural e multirreligioso, os torna mais atentos às necessidades humanas, sociais e espirituais no sentido amplo dos termos. Embora impressionados pelo impacto que um tal engajamento pode ter sobre sua identidade cristã e lassalista, fazendo surgir uma nova conscientização sobre sua “vocação”, não insistem nessa referência, e não parecem preocupados com desenvolver uma nova “cultura organizacional lassalista”. A secularização na Europa parece estar suscitando mais uma preocupação de “humanizar” a vida e os múltiplos relacionamentos vivenciados no seio da sociedade moderna. O que importa nesta situação se refere ao despertar para os valores, o respeito e a dignidade, a solidariedade, o transcendente, a religiosidade, o Evangelho... As particularidades das identidades tradicionais, no interior do cristianismo sociologicamente sempre majoritário na Europa, não mais funcionam, em primeiro lugar, como mediação de identificação coletiva.

Em contraste com isso, quando os Irmãos trabalham num meio não-cristão, em países onde os cristãos constituem uma ínfima minoria, ainda que simbolicamente importante, surge o problema da identificação do grupo, da instituição e do projeto educacional. Os contatos no meio de um público essencialmente muçulmano, ou uma sociedade abertamente multirreligiosa são, então, delicados. Os Irmãos ressaltam que, de maneira alguma, desejam ser considerados como associados a qualquer tipo de proselitismo. Evitam qualquer insistência de evangelização, e se absterem inclusive, de proferir o nome Jesus Cristo. Verifica-se, então, que a referência a São João Batista de La Salle não encontra nenhuma resistência, e funciona como uma alusão inofensiva, acessível e aceitável para todos.

Os valores humanos e pedagógicos, a cultura da acolhida, a abertura e o engajamento para um serviço “prestado sem exigência de pagamento”, são identificados como especificamente lassalistas. Os alunos/estudantes/acadêmicos, bem como seus pais, os professores e o pessoal administrativo não encontram estas coisas em outras instituições pedagógicas da região. Esta cultura, reflexo de um certo número de características, suscita, quanto menos, uma propensão favorável às obras lassalistas. Mas, muitos também encontram nela uma confirmação de suas aspirações mais fundamentais, humanas e religiosas, e a fundamentação de uma experiência transformadora. Assim, há aqueles que se percebem como Budistas Lassalistas, Muçulmanos Lassalistas. Integram uma certa afinidade cristã à sua própria identidade, via São João Batista de La Salle.

Qual é, então, o alcance desta mediação? Acaso, tratar-se-ia de um ecletismo oportunista? Ou trata-se de uma acumulação autêntica da identidade budista, muçulmana...enriquecida de certos aspectos próprios da fé cristã, muito semelhantes aos sentimentos que os cristãos se sentem chamados a pesquisar nos livros próprios dos muçulmanos e dos judeus, para integrar alguns aspectos do zen budismo, algumas atitudes taoístas ou hindus, como *J.W. Leisig* parece estar sugerindo.

Não podemos enganar-nos. La Salle está claramente situado num momento muito exato da história da Igreja católica, canonizado por essa mesma Igreja. Na sua época, ele se identificava totalmente com a missão de propagar o Evangelho de Jesus Cristo e estabelecer uma sociedade profundamente cristã. Essa missão constituía o fim principal de seu Instituto, exigindo uma solidariedade de corpo e alma com a instituição eclesial. Ele colaborava com entusiasmo na renovação do Concílio de Trento, em oposição ao protestantismo, proclamando que, unicamente, a Igreja oferece a salvação a toda a humanidade – *fora da Igreja, não há salvação!*

Quando os Irmãos ornamentam seus prédios e os parques circundantes com estátuas de São João Batista de La Salle, ou outras produções artísticas “lassalistas”, portanto, “cristãs, eles

as apresentam como possíveis vinculações com a inspiração que dá destaque à sua presença. Será que eles julgam que pela influência de seu Fundador, os alunos, os professores e todo o pessoal de administração e de serviços, se tornarão sensíveis à fé cristã? Será que essas ornamentações são acompanhadas de uma informação apropriada daquilo que essa “cultura” representa na história da Igreja européia e ocidental? Ou será que, em vez disto, essa estratégia incita, de maneira irrefletida e implícita, a uma leitura seletiva do quadro de referência particular dos Irmãos, em termos das expectativas e sensibilidades próprias do público “não-cristão”?

No mínimo, não se espera que uma cultura inter-religiosa possa ser estabelecida no próprio coração de cada instituição (lassalista), representando o universo particular das diferentes tradições religiosas e filosóficas presentes na comunidade escolar. Que mediação, realmente representa La Salle num ambiente multicultural e multirreligioso? Em quê poderia ele contribuir a serviço de um diálogo e de um encontro multicultural e multirreligioso, sem criar qualquer ambigüidade que, a longo prazo, poderia ferir ou travar o diálogo inter-religioso, bem como o sentido do carisma lassalista?

Esta reflexão, originada quase espontaneamente da presença dos Irmãos em ambientes não-cristãos, merece ser tomada em consideração por todo o Instituto. E um enriquecimento semelhante se está anunciando através dos encontros com religiões indígenas, na América Latina, e com as tradições culturais e religiosas da África. As implicações da experiência de “dispersão” dos Irmãos para outros continentes e culturas, lembrada no início deste *dossiê*, neste mundo globalizado, não demorarão em questionar o Instituto quanto ao sentido e à orientação profunda de seu projeto educativo e espiritual.

3.5 *O Ensino da Religião na Escola*

Finalmente, em virtude de sua orientação histórica especial, o projeto educativo lassalista quer oferecer uma formação cristã, através de um ensino religioso apropriado, e mediante uma formação espiritual e pastoral. Todos os autores se inspiram no Evangelho no tocante a seu compromisso, e se propõem estender o conteúdo dele nos seus respectivos ambientes. Aqui e acolá descrevem o que está sendo organizado a este respeito nos estabelecimentos lassalistas, ou assinalam os aspectos problemáticos. À primeira vista, sua aspiração de assumir o ensino da religião, evidentemente se mantém vigorosa. Por que renunciar a uma dimensão tão vital do projeto educativo? Seja como for, a emergência da temática multicultural e multirreligiosa modifica profundamente as coordenadas de uma formação religiosa institucionalizada. Ainda que a questão se apresente de outra forma em cada continente, é possível que a Europa “secularizada” apresente uma realidade bastante única em seu estilo.⁴⁷

Primeiramente, ao longo dos últimos séculos, as situações dos estabelecimentos escolares foram muito modificadas. O acesso à escolarização evoluiu de uma contingência privilegiada para uma obrigação, para um direito distintivo da sociedade democrática. O estatuto dos “cultos” foi submetido a acordos entre a Igreja e o Estado, entre a sociedade e a religião, o que deu azo a diferentes concepções quanto à legitimidade, às modalidades jurídicas e eclesiais do ensino da religião nas escolas. Múltiplos modelos de ação inspiraram uma prática muito diversificada, muitas vezes conflitante, e até mesmo contraditória. A situação se tornou complexa.

Enquanto a escola permaneceu um ambiente homogêneo, exclusivamente católico, como era no caso de São João Batista de La Salle, os objetivos eram claros, a pedagogia uniforme, os

⁴⁷ Grace Davie, *Europe: The exceptional Case. Parameters of Faith in the Modern World*. London, 2002.

resultados esperados em harmonia com as expectativas do entorno eclesial, Tratava-se, então, de manter a continuidade de uma situação estabelecida.

Será que essa hipótese pode ser mantida quando a escola de inspiração cristã se integra num ambiente não-cristão, multicultural e multirreligioso? E este é o caso na sociedade europeia. Quanto mais a escola aparece como uma instituição social, administrada pelo governo, aberta a todos, garantindo oportunidades iguais para todos, tanto mais surge uma questão referente à legitimidade da autoridade das igrejas no meio escolar. Esta questão se apresenta claramente quanto às escolas públicas.⁴⁸ Com referência à existência de uma rede confessional organizada pela Igreja, ela se torna impossível sem um substancial apoio financeiro do governo. A manutenção de uma rede escolar confessional totalmente independente só seria possível a expensas muito elevadas dos pais dos alunos. E isto inexoravelmente redundaria na seleção de uma clientela de elite. Algumas vezes, com o objetivo de manter a autonomia dos estabelecimentos “lassalistas”, estamos dispostos a abandonar o alunado destinatário da tradição lassalista: dar prioridade à garantia de uma formação cristã e profissional aos filhos da classe operária numa dada sociedade.

Quando, dentro de todas as escolas, o pluralismo cultural e religioso se instala, chegou a hora de rever a interpretação e a gestão da formação religiosa institucionalizada. Esta questão também se está tornando inescapável no caso das escolas particulares confessionais. Até o presente, as autoridades eclesiais mantêm a proposição da fé cristã como primeiro objetivo do ensino religioso organizado por elas. Para muitos jovens, a escola constitui o único local onde essa iniciação resta plausível. Não é possível renunciar. Mas, mesmo que, assim como acordos entre a Igreja e o Estado garantem em vários países, a Igreja mantém toda a autoridade quanto à formação e a nomeação dos professores, os programas, os recursos pedagógicos e a avaliação do ensino religioso, tanto nas escolas públicas como nas escolas católicas, esse ensino não pode mais ser garantido de maneira linear, ou seqüencial.

A própria presença dos alunos pertencentes a diferentes tradições religiosas, ou que se declaram não-crentes, está a exigir um ajuste dos objetivos, e ao menos, uma estrutura de diálogo. Não há dúvida, a propensão religiosa das famílias influencia as crianças pelo resto de suas vidas; elas, as famílias, são a base original sobre a qual se posicionarão pessoalmente quando chegarem à idade adulta. Mas, a ambiência multicultural e multirreligiosa característica da sociedade contemporânea e a população escolar, constituem a trama que é o ponto de partida do qual uma sólida identidade pessoal pode ser desenvolvida. O encontro direto com outras opções de vida, outras identidades, estimularão os jovens a explorar em profundidade suas simpatias ideológicas, religiosas ou originais. Quanto ao projeto pedagógico do Instituto, deverá adotar como norma tomar em consideração as circunstâncias específicas nos diferentes contextos culturais e religiosos, e prever a oportunidade de propagar um “aprendizado inter-religioso”.⁴⁹ Os argumentos não são unicamente de ordem oportunista ou contextual, mas também teológica, pedagógica e jurídica.

⁴⁸ O Irmão *Flavio Pajer* argumenta em favor de uma desconessionalização do ensino da religião nas escolas públicas (tomando a Itália como argumento de partida).

⁴⁹ Herman Lombaerts. *The impact of the Status of Religion in Contemporary Society upon Interreligious Learning*, in Pollefeyt (Ed.) *Interreligious Learning*, Leuven, 2006 (in print).